

AYN RAND

CÂNTICO



VIDE EDITORIAL



AYN RAND

CÂNTICO

*Tradução e apresentação de
André Assi Barreto*



SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Apresentação

1. Cântico: Adoração ao indivíduo

1.1. O problema da linguagem e a abolição da palavra "Eu"

1.2. A decadência tecnológica em Cântico

2. Objetivismo: Uma filosofia para o século XXI

Referências bibliográficas

Nota do tradutor

Prefácio da autora

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Sobre a obra

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)

APRESENTAÇÃO

André Assi Barreto

1. CÂNTICO: ADORAÇÃO AO INDIVÍDUO

Ayn Rand (1905-1982) tencionava inicialmente chamar *Cântico* de “Ego”. A mudança se deu porque, segundo ela, o título da obra deveria ter uma conotação religiosa por se tratar de uma devoção ao indivíduo.[1] Por *ego* Rand queria dizer “não o símbolo do eu, mas especificamente o Eu Humano” (Peikoff *apud* Rand, 1994, p. 5).

Apenas o eu humano é capaz, com sua mente ou faculdade conceitual, de sustentar a faculdade da razão. É a faculdade racional do homem que é responsável por suas escolhas, possui volição e é daí que suas emoções derivam. Dado isso, não é possível existir razão coletiva, a razão é uma faculdade individual, apenas indivíduos a portam e a usam. O *ego*, portanto, é o que faz de um indivíduo um homem, isto é, aquilo peculiar a um homem que o distingue dos demais e distingue a si próprio das suas idéias.

Que Ayn Rand queira fazer uma devoção ao *ego* humano está em consonância com os princípios básicos de sua filosofia, o objetivismo, a saber: razão, individualismo, volição, a sustentação de valores que não contradizem a razão etc. Embora *Cântico* seja, em termos de concepção, temporalmente anterior a *A Nascente* (1943) e a *A Revolta de Atlas* (1957), os princípios básicos citados já são nítidos na obra: o indivíduo heróico que se revolta contra a ordem política totalitária, o brilhantismo individual que o conduz a ações “socialmente erradas”, a punição e a perseguição pela virtude etc.[2]

Embora haja a semelhança de conteúdo, *Cântico* é atípico em forma se considerarmos o *corpus* romântico randiano, conforme afirma Peikoff:

(...) *Cântico* possui uma história, mas não exatamente uma trama, isto é, não há progressão de eventos levando inexoravelmente para um clímax e um desfecho. O mais próximo de um clímax em *Cântico* é a descoberta da palavra eu pelo herói, o que não é uma ação existencial, mas um evento interno, um processo de cognição (Peikoff, 1994, p. 7 e 8).

A obra também traz pouco do chamado “realismo romântico”[3] que preenche os demais romances da filósofa. *Cântico* se passa num futuro em que impera uma ordem governamental totalitária de tipo fasci-comunista, mas que não tem um nome específico; em *Cântico* não há um contexto contemporâneo como há, por exemplo, em *A Nascente* e *A Revolta de Atlas*. Este trabalho de Rand destoa dos demais nesses sentidos, tanto que, quando lhe foi oferecida uma adaptação cinematográfica, Rand queria que a obra virasse uma animação em vez de uma encenação e também aceitara a possibilidade de a obra virar uma apresentação de balé – muito embora nenhuma das duas coisas tenha ocorrido (Cf. Peikoff, 1994, p. 8).

O enredo de *Cântico* foi concebido por Rand quando ela ainda era uma adolescente que vivia na Rússia (muito embora deixe claro que a obra não pretende ser anti-soviética), por volta dos anos 1920. Ao chegar na América em 1926, demorou até 1937 para efetivamente escrever a obra por completo, época em que também já estava escrevendo *A Nascente*. Nesse período não houve qualquer interesse na publicação de *Cântico* nos EUA (os anos 20 são conhecidos como a “década vermelha” devido a preponderância da intelectualidade comunista), que acabou sendo publicado inicialmente na Inglaterra em 1938 e veio a ser editada em solo americano apenas em 1946, na forma de panfleto, por uma pequena editora conservadora.

O tema central do escrito é o conflito do indivíduo contra o coletivo, elemento onipresente na obra randiana e fundante da moralidade e filosofia política objetivista. O herói da história, que inicialmente atende pelo nome genérico de Igualdade 7-2521, pretendia ser um cientista, profissão que daria vazão a sua vasta curiosidade, mas o Conselho de Profissões decidiu que ele serviria mais e melhor à sociedade sendo um varredor de rua. No estado em que Igualdade 7-2521 vive, existem diversos conselhos que regulam até as mínimas atividades sociais; e cabe aos sábios homens do

conselho dirigir centralmente a sociedade para que cada indivíduo se encaixe no lugar em que servirá melhor ao todo.

Conforme Ayn Rand revela em seu prefácio, muitos a acusaram de pintar um quadro injusto do que seria o coletivismo (dito na linguagem recheada de platitudes de sua época e da nossa: ser coletivista não é simplesmente pensar no “bem maior”?), mas o contexto observado por Rand e por nós não é exatamente assim? O voto é obrigatório, o alistamento militar é compulsório e o único critério ético aceitável é o utilitarismo, isto é, só são boas as ações que vão gerar felicidade coletiva, justamente a ética servil do sacrifício que Rand criticou ao longo de sua vida e obra. A descrição não só é precisa como a mensagem é tão urgente quanto o era à época.

O conflito do herói para agir, pensar e amar livremente, convivendo com a ordem governamental totalitária que o oprime, é o núcleo da obra. No período de produção do texto nos EUA, tanto nazismo quanto comunismo eram idéias intelectualmente respeitáveis, duas formas exemplares de ideologia política coletivista, e Rand observava uma tendência crescente em direção ao coletivismo na América – e o que *Cântico* faz é servir de alerta para que haja uma guinada nesse padrão.[4] O marxismo já era uma moda consolidada entre intelectuais nessa época e Rand era uma testemunha ocular do seu caráter totalitário. Mesmo depois de sua saída da Rússia, Rand recebeu notícias que a informaram dos horrores do governo de Stalin, inclusive contra sua própria família. Ainda que os crimes de Moscou ou Berlim não fossem segredo, muitos intelectuais americanos saudaram os regimes nazista, fascista e comunista como “experimentos nobres” (Berenstein, 2000, p. 7).

Embora *Cântico* remeta aos regimes políticos citados, nele o coletivismo é levado às últimas conseqüências, o ambiente descrito é aquele que Hitler desejava instalar, onde não apenas bancos e indústrias seriam nacionalizados, estariam de joelhos perante o Estado, mas onde *banqueiros* e *industriais* estariam completamente

estatizados. Vemos diversos elementos disso no romance, entre eles: as alcunhas genéricas que cada habitante carrega: Igualdade, Fraternidade, Internacional etc, bem como os números de identificação (como os dos judeus nos campos de concentração) que servem apenas para caracterizar as pessoas como meras engrenagens sociais, nomes próprios e específicos demonstrariam um resquício de consciência individual que não pode ser permitido e não deve sequer ser concebido pelos que habitam essa ditadura global. Quaisquer referências à primeira pessoa como “eu” ou “meu” estão abolidas, são desconhecidas e quando surgem na mente ou boca de alguém representam o maior pecado que se pode cometer. Conforme diz o lema inscrito no Palácio do Conselho Mundial, tudo que existe é o “grandioso NÓS”. Qualquer indicativo de pensamento próprio e independente configura o crime capital do estado habitado por Igualdade 7-2521. O processo de dissolução das consciências individuais atingiu seu máximo, e quando a individualidade se extingue por completo, o coletivismo atinge o seu propósito último.[5]

Emerge daí um outro tema fundante de *Cântico*. À primeira vista pode parecer que Igualdade 7-2521 e seus concidadãos são robôs vítimas de lavagem cerebral e sem qualquer livre-arbítrio, mas esse está longe de ser o caso! Rand alerta em seu prefácio que é a covardia moral das pessoas que permite que quadros como o descrito se instalem, muito embora as pessoas murmurem, depois do resultado se encontrar efetivado, que não era *isso* que queriam, mesmo que tenha sido o que elas autorizaram; o fato é que “aqueles que desejam a escravidão devem ter a bondade de chamá-la pelo seu nome”. De acordo com o objetivismo de Rand, homens racionais devem refletir sobre suas ações e aceitar as *conseqüências racionais* de suas ações, mesmo quando a avaliação racional do que estava em jogo não foi efetuada.

Muito embora diversos intelectuais desejem nos convencer de que somos destituídos de nosso livre-arbítrio, desde economistas e sociólogos a neurocientistas, não é mais uma vez o caso em que Rand acerta em cheio o diagnóstico do quadro predominante? O

médico psiquiatra britânico Theodore Dalrymple revela um curioso caso de um de seus milhares de pacientes mostrando como as pessoas acreditam que na verdade são escravas de seu meio social, econômico, psicológico, genético e na verdade isso é apenas um meio para lavarem as mãos moralmente e se eximirem das responsabilidades acarretadas por serem indivíduos racionais capazes de avaliar seus atos e conseqüências:

(...) Por coincidência, agora existem três esfaqueadores na prisão (dois deles em prisão perpétua) que utilizaram exatamente a mesma expressão ao me descrever o que aconteceu. “A faca entrou”, disseram, quando pressionados a recuperar a memória supostamente perdida dos acontecimentos.

A faca entrou, aparentemente não guiada por mão humana. As tão odiadas vítimas eram encontradas pela faca, e facas levadas às cenas dos crimes não eram nada, se comparadas à força de vontade dos próprios objetos inanimados que determinaram o desfecho infeliz (Dalrymple, 2014, p. 28).

Juntemos isso a anos de propaganda ideológica vendendo a idéia de que o meio social determina a consciência e não o contrário, e temos o pano de fundo perfeito para a abolição completa da consciência individual. Todavia, como vemos em *Cântico*, o livre-arbítrio permanece: Igualdade 7-2521 opta livremente por escrever, dissecar animais, coletar metais, oferecer sua descoberta aos idealizadores da sociedade em que vive, e explorar o local que descobriu; seu amigo, Internacional 4-8818, livremente decide não delatá-lo; sua amante livremente foge e o segue, e para que o plano final do nosso herói dê certo, ele conta com a rebelião livre de seus irmãos. Aqueles que obedecem, sucumbem e vendem seus espíritos, o fazem gozando de livre-arbítrio. Os irmãos de Igualdade 7-2521 não se encontram anestesiados pela SOMA ou freqüentaram algum tipo de sala 101 em que foram submetidos a tortura até acreditarem que 2 mais 2 pode ser 5, 6 ou qualquer outra coisa ou todas elas ao mesmo tempo (ao contrário, quando nosso herói é submetido à tortura, é para que revele a verdade e não para sacrificá-la). A servidão é voluntária e a rebelião do um contra o todo é possível e permitida, basta apenas ser desejada.

1.1. O PROBLEMA DA LINGUAGEM E A ABOLIÇÃO DA PALAVRA “EU”

Toda ordem política totalitária quer perverter a linguagem a fim de pavimentar a manutenção no poder.[6] *Cântico* segue essa trilha, mas de uma maneira distinta daquela do clássico *1984* de George Orwell; enquanto neste último a linguagem encontra-se em processo de politização, sendo que a cada ano um novo dicionário com cada vez menos palavras é lançado, na obra de Rand os aspectos essenciais da linguagem já foram completamente pervertidos. Controle da linguagem implica em controle do pensamento, aqueles que pensam com as palavras autorizadas pelo governo, pensam o que e como o governo deseja. Em *Cântico* o processo já está finalizado e a expressão maior disso se dá no fato da palavra “eu” estar abolida; visto que todas as noções de individualidade foram completamente suprimidas e as personagens desconhecem pronomes pessoais singulares, a ponto de se tratarem apenas na primeira e terceira pessoa do plural. Apenas pensamento e discurso formalizados de maneira coletiva são permitidos, e isto mostra que a coletivização da sociedade em *Cântico* é de tal ordem que atingiu camadas mais profundas que meramente a política.

A abolição não apenas da individualidade enquanto conceito, mas enquanto expressão verbal, demonstra que, na sociedade descrita em *Cântico*, o coletivismo atingiu o espírito dos indivíduos. Para Rand, coletivismo “significa subjugar o indivíduo a um grupo – seja o grupo racial, de classe ou ao estado” (RAND, 1944, p. 8) – e, nessa condição, uma pessoa nada mais é que uma mera engrenagem insignificante e substituível da roda social e sequer possui uma vida que possa considerar sua. O propósito da sociedade habitada por Igualdade 7-2521 é incrustar no espírito das pessoas que elas são apenas uma abelha na colméia, gente cujos objetivos devem se limitar única e exclusivamente a estar a serviço do todo. O “pecado” que representa a expressão da palavra “eu” é a representação maior da ética do altruísmo tão vastamente criticada

por Rand: “o princípio básico do altruísmo é que o homem não tem o direito de existir para seu próprio benefício, que a única justificativa para a existência do homem é servir aos outros e que o auto-sacrifício é seu dever, virtude e valor moral mais elevado” (Rand, 1984, p. 61).

O Estado não reconhecer qualquer individualidade leva à inevitável consequência de que nenhum ser humano é especial, único ou brilhante. A amizade e o amor romântico são proibidos, amar ou ser amigo de alguém é um crime de preferência, visto que é pinçar da massa disforme um indivíduo e atribuir sentimentos especiais a ele, é considerá-lo melhor, mais importante e diferente de todos os demais irmãos. Quaisquer noções atreladas a alguma forma de individualidade foram obliteradas.

Em *Cântico*, o processo que levou a extinção da palavra “eu” se deu em alguns séculos, e tudo que resta no período em que Igualdade 7-2521 vive são algumas menções a uma “palavra impronunciável” e a um “santo da pira”, alguém que livremente escolhe desafiar a ordem vigente e mencionar a dita palavra (além de escolher nosso herói como mantenedor dessa memória). Ao final da história, quando Igualdade 7-2521 e sua amante, Liberdade 5-3000, estão prestes a (re)descobrir a até então palavra proibida, passam por um curioso conflito mental quando instintivamente tentam se expressar usando noções de individualidade e naquele momento não são capazes disso, suas mentes o compelem a alguma tentativa de expressão individual, mas, eles falham. Andrew Berenstein descreve o estado de coisas nessa sociedade:

O estado fictício do romance obteve êxito em expurgar todos os conceitos de personalidade individual, extirpando dos seres humanos todos os meios para até mesmo pensar como indivíduos. Este ato é a mais profunda forma de controle de pensamento já atingida. Os cidadãos iludidos têm apenas um único conceito de si próprio disponível – fragmentos soltos de um grupo. Todos pensam em si mesmos como amontoados de massa disforme sem nome, sem face e sem individualidade (Berenstein, 2000, p. 66).

É interessante pensar a efetividade dos engenheiros sociais do lugar descrito por Rand visto a habilidade que tiveram em abolir não

apenas as individualidades nas camadas política e econômica, mas o próprio *vocabulário da individualidade*. Nem mesmo as mais sanguinárias ditaduras comunistas[7] ou a Alemanha de Hitler conseguiram obter êxito completo nesse quesito. Ainda assim, ressaltamos novamente que, apesar dessas condições, nossos heróis foram capazes de rebelião.

Embora boa parte das personagens não perceba o que falta exatamente em suas vidas, nosso herói, por exemplo, sempre teve sua individualidade aguçada: era mais alto que seus colegas e, portanto, diferente. Mais inteligente que seus colegas e professores e embora não gostasse das conseqüências sociais dessas diferenças, Igualdade 7-2521 sempre desejou aperfeiçoar suas habilidades individuais em vez de suprimi-las até adequar-se ao grupo. E isso indica uma verdade filosófica profunda, já apontada pelo único filósofo que Ayn Rand reconhece como herdeiro intelectual – Aristóteles: é da essência do homem ser racional. É isso que as personagens que não abrimos mão de suas individualidades reconhecem aos poucos ao longo da história. Mesmo sem a *linguagem* adequada para expressar com exatidão o que sentem, os heróis da trama percebem que pensar por si só é algo que constitui sua natureza e que pode ser feito apenas individualmente. Que “eu penso” é o pilar central de toda a filosofia.

1.2. A DECADÊNCIA TECNOLÓGICA EM CÂNTICO

Um dos temas comuns aos romances de tipo distópico[8] é que, na ordem totalitária que usualmente descrevem, a tecnologia toma proporções colossais e é usada como ferramenta para o estabelecimento e manutenção dessa ordem. De *Metrópolis* de Fritz Lang ao, citamos mais uma vez, *1984* de Orwell, é o que observamos: um futuro tecnologicamente avançado que oprime os indivíduos, que se serve desses vastos recursos tecnológicos que produz para controlar a vida e o pensamento das pessoas. O tema da opressão individual é central em *Cântico*, alinhando a obra com a peça de Orwell, contudo, no estado descrito por Rand há um retorno

a uma segunda “idade das trevas” tecnológica, fazendo, mais uma vez, a obra destoar de outras distopias. Não há energia elétrica, não existem arranha-céus ou trens. As mais recentes inovações são o vidro e a vela, muito embora a força física abunde.[9]

Mais uma vez há uma explicação filosófica de fundo para isso. Para Ayn Rand, criações só podem ser resultado das mentes individuais de seus criadores. São resultado do livre curso da mente de homens excepcionais em suas respectivas áreas; não são consequência de nenhum tipo de “mente coletiva” e, portanto, abundam num ambiente em que o pensamento individual não apenas é preservado, mas incentivado e saudado, o que, como vimos, é o contrário do ambiente descrito em *Cântico*, que banuiu a individualidade até mesmo da linguagem.

O herói da história – tal como o herói de *A Revolta de Atlas*, John Galt – é um inventor, um homem das ciências. Está pessoalmente conectado a uma vida científica desde a infância, desejou ardentemente ser um erudito, é um pensador e um homem racional por excelência. Como afirma Andrew Berenstein, Igualdade 7-2521 é um “Thomas Edison do futuro” (Berenstein, 2000, p. 72). Todas as grandes criações e invenções: produções industriais, medicinais, científicas etc, são produtos da mente e de uma mente *livre*. É o pensamento racional que as trazem à baila e não algum tipo de fé ou mesmo o trabalho braçal. As invenções de grandes homens como Thomas Edison, Galileu, Copérnico, Darwin, irmãos Wright, homens como Igualdade 7-2521, aumentaram vastamente a qualidade de vida e o bem-estar humano, fazendo notar que a sobrevivência e o melhoramento da espécie humana dependem fartamente do pensamento racional.[10]

Esse tipo de aperfeiçoamento se dá sob quaisquer circunstâncias ou depende de algum contexto político e social específico? A resposta de Rand em *Cântico* e em algumas de suas outras obras é que uma mente genial e criativa precisa de um ambiente em que a liberdade impere. Igualdade 7-2521 não consegue dar vazão a seu potencial criativo porque nenhuma

atividade livre é permitida e a profissão que lhe foi designada não permite a livre pesquisa, para concretizar seu talento é preciso violar leis, é preciso abandonar as rígidas normas sociais. Um pesquisador livre está comprometido apenas com a lógica, os fatos e os dados brutos colhidos da natureza; se alguns fatos sociais contradizem estes últimos, são estes últimos que devem ser revistos, mas é justamente o que não se passa em *Cântico*.

Ao apresentar sua invenção ao Conselho dos Eruditos, oferecendo-a inclusive em benefício de todos os seus irmãos, nosso herói é atacado e sua descoberta é rejeitada porque “aquilo que não é inferido por todos os homens não pode ser verdade” e não pode ser bom, isto é, o resultado da ação individual que não se submete à sanção do todo é o mal por excelência, além disso, os membros do Conselho também rejeitaram a invenção alegando prejuízo prático a esse todo que não aprovou a nova tecnologia.[11] Isso é consequência do desejo pela manutenção do poder e não pela verdade e pelo incremento no bem-estar das pessoas. Uma mente livre e criativa é um desafio constante aos interesses de uma ordem ditatorial e é por isso que a liberdade de discurso e pensamento é imediatamente cerceada em governos totalitários, seja de tipo nazista, comunista ou fascista.

O impedimento do pensamento livre em uma sociedade conduz invariavelmente ao empobrecimento do conhecimento científico produzido por essa sociedade. Os planejadores centrais transformaram Igualdade 7-2521 num varredor de rua, isto é, em alguém que ficaria por toda vida confinado ao trabalho manual, exatamente por saberem que numa posição em que pudesse desenvolver seu espírito científico, levaria a descobertas que, *no limite*, poderiam causar um motim que poria abaixo o governo totalitário no poder, pois uma mente capaz de brilhantismo científico pode não ficar restrita apenas ao domínio da ciência. Idéias mudam o mundo, e assim o fazem porque são produtos da mente. Na ditadura *global* em que vive Igualdade 7-2521, não há para onde fugir (exceto, depois que o descobre, seu túnel) onde a livre circulação de idéias seja permitida e incentivada; embora o contexto

atual não seja (ainda) uma ditadura global, há, por exemplo, a possibilidade de imigrar para os EUA e aperfeiçoar suas habilidades livremente, já na ditadura global pintada por Rand, uma mente livre não teria qualquer chance, o que culminaria num retorno a uma era de barbarismo.

Uma sociedade que castiga o pensamento individual inexoravelmente retornará a condições de primitivismo bárbaro. A mente humana não pode funcionar adequadamente onde tudo é compulsório: a descrição das angústias dos colegas de sono de Igualdade 7-2521 torna isso evidente, embora alguns sejam pessoas normais e capazes de realizações, têm o sono assombrado pelo momento em que algum tipo de reflexão individual é possível e pode ser percebida. Um mundo em que isso ocorre, um mundo em que Igualdade 7-2521 tem sua mente restringida pelo peso de uma ordem totalitária, só pode ser um mundo que retrocede, em que o atraso impera e a pobreza material e espiritual predomina. *Cântico* é um quadro fiel do que Rand viu enquanto esteve na Rússia, e do que o mundo pode vir a ser caso esse caminho siga sendo trilhado.

2. OBJETIVISMO: UMA FILOSOFIA PARA O SÉCULO XXI

Ayn Rand dizia que o objetivismo é uma filosofia para se viver na terra. Mais do que nunca, numa época de imperativo relativista cognitivo e moral radical, as pessoas subestimam a importância da filosofia, muitas vezes graças aos próprios filósofos. Não há porque levar a sério alguém que admitidamente negue a verdade (exceto, talvez, para imediatamente deixar de acreditar nessa pessoa e supor que seu ramo de estudo não passa de um embuste). Contudo, Ayn Rand criticou ferozmente essa postura (seja em seus trabalhos teóricos, como *Philosophy: who needs it*, seja na figura do professor Simon Pritchett de *A Revolta de Atlas*) e elaborou sólidas defesas da Filosofia, única ciência capaz de responder com propriedade as três perguntas que inquietam toda mente racional, a saber: “onde estou? Como posso saber disso? O que devo fazer?” (Rand, 1984, p. 2). Mesmo que não percebam, as pessoas ou respondem ou aceitam respostas já prontas para essas perguntas e, portanto, estão consciente ou inconscientemente comprometidas com certas idéias filosóficas.

Mesmo as pessoas que recusam o que chamam de “raciocínios abstratos da filosofia”, que se consideram exclusivamente preocupadas com “problemas de ordem prática”, aderem a algum tipo de ideário filosófico. Mesmo as que alegam rejeitar todo ideário estão tomando um partido filosófico.[\[12 \]](#) A questão de Rand é: tais posturas são filosoficamente sustentáveis ou demonstram confusão mental? Se invariavelmente há adesão a concepções filosóficas e isso jamais pode ser posto em xeque, só é matéria de discussão *quais* idéias serão aceitas e quais serão rejeitadas e se isso será feito numa base racional, emocional ou autoritária. A proposta de Rand é que você opte de maneira racional por aderir a certos princípios e não a outros. Como diz a autora:

Mas os princípios que você aceita (consciente ou subconscientemente) podem colidir com ou contradizer uns aos outros; eles também têm de ser integrados. O que os integra? A Filosofia. Um sistema filosófico é uma visão integrada da existência. Como um ser humano, você não tem escolha sobre o fato

de que precisa de uma filosofia. Sua única escolha é se você define sua filosofia por um processo consciente, racional e disciplinado de pensamento e deliberação escrupulosamente lógico – ou se você permite que o seu subconsciente acumule uma pilha inútil de conclusões injustificadas, falsas generalizações, contradições indefinidas, *slogans* não digeridos, desejos, dúvidas e medos não identificados, jogados juntos ao acaso, mas integrados pelo seu subconsciente como uma espécie de filosofia mal formada e fundida por um único peso firme: a autodúvida, semelhante a uma corrente e uma bola de ferro no lugar onde as asas da sua mente deveriam ter crescido (RAND, 1984, p. 5)

Dessa maneira, o objetivismo é um sistema filosófico racional que se propõe a responder as grandes perguntas – talvez seja o último deles. Para um leitor do século XXI a elaboração de um sistema filosófico soa não apenas ousada, mas talvez até intrigante. Há realmente ainda quem acredite em sistemas filosóficos? Há ainda quem acredite que a razão humana é capaz de conhecer a realidade e estabelecer verdades? Sim, o objetivismo é um sistema filosófico no sentido estrito do termo, isto é, um conjunto racionalmente concatenado de princípios que, ao responder problemas – inclusive os de ordem ética –, segue uma cadeia de implicações lógicas,[13] ou seja, uma coisa deve ser consequência da outra: “pensar é a única virtude básica do homem, da qual todas as outras decorrem” (Rand, 2010c, p. 340). Portanto, nosso conflito pela restauração do pensamento individual, racional e sistemático e para que ele seja possível numa atmosfera filosoficamente hostil é exatamente o mesmo que o de Igualdade 7-2521.

Que todas nossas ações sejam baseadas em princípios racionais e não baseadas numa confusão entre interesses, emoções dispersas, apetites primitivos e trocas de favores é obtuso não apenas para o público geral, mas para o brasileiro em especial. Há uma passagem de *A Revolta de Atlas* que ilustra essa questão com beleza e clareza díspar. Trata-se do diálogo entre o industrial Hank Rearden e seu irmão, Peter Rearden, que vai lhe pedir um emprego *por ser seu irmão* (vai lhe pedir um favor) e não por ter alguma habilidade para executar trabalhos siderúrgicos:

Eu... eu preciso de um emprego.

(...)

Henry, eu quero um emprego. Quero dizer, aqui na siderúrgica. Quero que você me dê alguma coisa para fazer.

Isso aqui é uma fábrica, Philip, não um cassino.

(...)

- Afinal de conta, eu sou seu irmão!

- E o que isso quer dizer?

- Espera-se das pessoas que sintam alguma coisa pelos irmãos (Rand, 2010c, p. 245, 248 e 249).

Rearden é um dos heróis da obra, industrial que não sucumbe à decadência civil causado pelo governo, pela convivência moral de outros industriais e pela saída do mundo das mentes brilhantes, e como tal age *por princípios*. Pouco importa se Peter é seu irmão ou os sentimentos que nutre por ele (o irmão sempre parasitou o dinheiro de Hank e posou publicamente de bem-feitor social), a contratação de um profissional técnico, se racionalmente mensurada, é decidida com base em suas competências e habilidades e não em laços familiares ou apelos sentimentais. Isso é agir por princípios e é extremamente estranho para uma atmosfera social que convive, promove e aprova que todas as relações se baseiem em favores. Adotar uma filosofia racional cujos valores são racionalmente sistematizados é agir como Rearden. Agir por princípio é fazer o que fez Internacional 8-8818 ao preferir ocultar dos Conselhos a descoberta do túnel em vez de delatar seu amigo Igualdade 7-2521.

Numa conferência na Ramdon House em 1962, pediram a Ayn Rand que resumisse os principais pontos de sua filosofia, o objetivismo. São eles: uma *metafísica* (“o que existe?”) calcada na realidade objetiva, uma *epistemologia* (“como posso saber?”) baseada na razão, uma ética (“o que devo fazer?”) baseada no interesse próprio, no egoísmo racional, no indivíduo, uma *política* baseada no capitalismo[14] e uma *estética* que vê a arte como expressão ideal de seus criadores e de inspiração *romântica*. Como a filosofia não é emaranhado de idéias, mas um conjunto integrado

de princípios, elementos e problemas, – por exemplo, de epistemologia –, são respondidos a partir de elementos, idéias ou princípios de responsabilidade da metafísica, e assim por diante; todas as questões filosóficas estão inter-relacionadas.[15]

A realidade existe, ou, como diz Rand, reportando-se a Aristóteles, “a existência existe” (Cf. Rand, 2010c, p. 338) e existe por si só. Fatos são fatos e não podem ser alterados por qualquer elemento subjetivo que compõe o ser humano ou relativizados.[16] Que a existência existe é fato básico da metafísica e a partir do qual podemos pensar em, por exemplo, fazer uma epistemologia. Só há sentido em estabelecer formas seguras de conhecer as coisas caso essas coisas (existência nesse contexto é justamente um substantivo coletivo que representa todas as coisas existentes) de fato existam. A metafísica, portanto, trabalha com três axiomas básicos: a *existência*, a *consciência*, isto é, a compreensão que temos da existência e a *identidade*, ser é ser alguma coisa como expressa o clássico princípio aristotélico de identidade: $A = A$.

O único meio que o ser humano tem para organizar os dados oriundos da realidade é a razão. É a partir de sua faculdade racional que os homens categorizam o material sensorial captado pelos sentidos, obtêm conhecimento, guia suas ações e cria os meios que possibilitam sua sobrevivência. Ou ainda, nas palavras da própria Ayn Rand: “razão é a habilidade que identifica e integra o material fornecido pelos sentidos do homem” (Rand, 2013, p. 27). Muitas vezes se diz que “esta ou aquela pessoa é racional” ou que “isto é assim desde uma perspectiva racional, mas existem outras”, quando, na verdade, compreendidas as premissas básicas da metafísica e da epistemologia, qualquer pessoa não-racional ou que adote qualquer outra “perspectiva” está simplesmente negando a realidade. A existência existe e só pode ser conhecida pela razão e não está em jogo nenhum tipo de concordância ou aceitação, “eu respeito seu posicionamento racional, mas tenho outro (supostamente tão válido quanto)” ou “discordo do seu ponto de vista que as coisas podem ser conhecidas apenas racionalmente”; negar a razão é negar a realidade e negar a realidade é negar a

existência. Ou o homem aceita a razão ou submete sua consciência ao vazio,[17] não há outra opção e todos esses fatos ou são compreendidos ou são negados, mas jamais podem ser aceitos ou rejeitados como se fossem mera matéria de opinião.

Esse indivíduo cômico da existência da realidade e conhecedor dela por meio de sua razão é um fim em si mesmo e não um meio para algum outro fim. Cada indivíduo existe para preservar sua própria existência e não para ser sacrificado pela existência de outrem; todo indivíduo tem de ser beneficiário de suas próprias ações. Disso segue que cada indivíduo está moralmente comprometido apenas com seus próprios interesses racionais e com a realização da sua felicidade. Essa é uma síntese da moralidade objetivista que é chamada de *egoísmo racional*. [18] Mais uma vez esclarecimentos são necessários pois o sentido usualmente atribuído ao sentimento egoísta é distinto do conceito randiano. Para Rand, por exemplo, a “caridade” compulsória ou altruísta é imoral porque normatiza o sacrifício do indivíduo e de sua propriedade enquanto algo legal e moral, ao passo que com relação a caridade voluntária não há qualquer descompasso entre ela e o egoísmo racional, caso um indivíduo queira praticá-la (isto é, seja efetivamente voluntária), inclusive, ninguém pode ou deve impedi-lo. A sociedade ou nenhum tipo de conglomerado pode versar sobre a vida e as posses de um indivíduo: “apenas o próprio indivíduo tem o direito de decidir quando ou se deseja ajudar os outros; a sociedade – como um sistema político organizado – não possui qualquer direito nesse ponto” (Rand, 2013, p. 123). Como a ética objetivista é construída com bases em princípios lógico-rationais integrados e baseados numa metafísica e numa epistemologia sólida, está superada uma possível objeção que tratasse de “moderação”. Não se trataria de um meio termo entre egoísmo e altruísmo? Um meio termo entre coletivismo e individualismo? Não seria o caso de um sistema que não devorasse o indivíduo com impostos, mas que tomasse então uma pequena parcela de sua riqueza? Não para Ayn Rand. Como se trata de uma questão de princípio, não há meia

virtude ou meio vício. O indivíduo é um fim em si mesmo e seu sacrifício, total ou parcial, é um mal em si mesmo.

Por fim, o sistema político que emerge como consequência da metafísica, epistemologia e ética objetivista é o *capitalismo* de tipo *laissez-faire*. Um mercado livre é o corolário de uma mente livre. O capitalismo é o único sistema político-econômico concebido com base na troca voluntária de riquezas, onde a primazia dos indivíduos é preservada e onde estes indivíduos, quando criadores e produtores de riqueza, são brindados em vez de sacrificados. É um sistema racional e civilizacional por excelência, pois não implica a escravização e tampouco o uso da força, mas a relação mútua e pacífica calcada no interesse e vantagem racional de todos os lados. Num sistema plenamente capitalista a força se faz necessária apenas na forma de retaliação contra agressores que violam direitos individuais e o Estado existe para garantir essa proteção; no que diz respeito à economia o Estado está completamente separado dela, qualquer forma de “economia mista” é o degrau anterior a uma economia totalmente centralizada e um sistema político totalitário. Esse é o único sistema que elevaria Igualdade 7-2521 ao lugar que merece, que o presentearia por sua mente brilhantes e por suas idéias únicas, que o louvaria por legar sua descoberta aos demais indivíduos.

Hegel dizia que a verdade está no Todo. O objetivismo é um sistema filosófico que oferece uma compreensão completa do Todo, por oposição a outras filosofias, que recortam a realidade (idealismo, empirismo, racionalismo, etc) que pode ser apreendida e ao caos intelectual geral que presenciamos na vida acadêmica atual. Sua compreensão implica numa visão sistemática da realidade que põe abaixo o edifício de doutrinas filosóficas irracionais, contraditórias e anti-intelectuais. A recompensa para aquele que, também com Hegel, acompanha o vôo da coruja ao crepúsculo é a própria verdade – por mais *démodé* que isso soe aos

ouvidos universitários – o que faz do objetivismo uma filosofia urgente para o século XXI.

ANDRÉ ASSI BARRETO

É graduado e mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor de Filosofia das redes pública e privada da cidade de São Paulo, colaborador de revistas de divulgação de Filosofia e também trabalha com a tradução de textos filosóficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RNSTEIN, Andrew. *Rand's Anthem*. Foster City: IDG Books, 2000.
- ..RYMPLE, Theodore. *A Vida na Sarjeta*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- DERICI, Michael. *Eric Voegelin: a Restauração da Ordem*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- VIS, Ben. *Foi-se o martelo*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- KOFF, Leonard. *Objetivismo, a filosofia de Ayn Rand*. Porto Alegre: Ateneu Objetivista, 2000.
- _____. *The Ominous Parallels*. New York: Meridian, 1983.
- ND, Ayn. *Anthem*. New York: Signet, 1996.
- _____. *Philosophy: who needs it*. New York: Signet, 1984.
- _____. *The objectivist*. New York: Second Renaissance Press, 1990.
- _____. "The only path to tomorrow". Reader's Digest, ed. 8, 1944.
- _____. *A Revolta de Atlas*: Rio de Janeiro: Sextante, 2010, vol. Ia, Iib, IIic.
- _____. *The Romantic Manifesto*. New York: Signet, 1971.
- _____. *A virtude do egoísmo*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- EGELIN, Eric. *Reflexões Autobiográficas*. São Paulo: É Realizações, 2008.

¹Optamos por "cântico" em detrimento a "hino" pois, embora ambas as palavras guardem certa referência religiosa, hino comumente está associado a hinos nacionais, enquanto que cântico guarda plenamente sua conotação religiosa. Ademais, ao longo da obra, Rand usa *hymn* quando deseja se referir a hinos. Cântico, como lembra Leonard Peikoff, é definido como "uma peça de música sacra, normalmente com palavras retiradas das Escrituras" (Peikoff, 1994, p. 6), há também uma preferência estética da autora pela palavra cântico (*idem*, p.7).

²"Nada pode tornar moral a destruição dos melhores. Não se pode ser punido por ser bom" (Rand, 2010a, p. 87).

³Cf. *The Romantic Manifesto* (1969).

4Embora a obra tenha essa intenção, o que se observa é apenas o florescimento de concepções coletivistas. O livro *The Ominous Parallels*, do principal herdeiro intelectual de Rand, Leonard Peikoff, que data de 1983, traça diversas semelhanças entre os Estados Unidos da América e a Alemanha nazista, no sentido de uma marcha crescente em direção a concepções coletivistas da vida social. Segundo o próprio Peikoff, desde então as tendências que ele observou só aumentaram e atingiram seu ápice com a administração Obama (mais da metade da população é dependente de *food stamps*, seu projeto de nacionalização do sistema de saúde etc).

5Daí que tanto o combate exaustivo de Rand do coletivismo jamais possa ser tido como exagerado. O filósofo germano-americano Eric Voegelin afirmava que o combate ao coletivismo deve ir muito além da mera condenação moral e atingir as raízes espirituais da religião política em que as ideologias se converteram (Cf. Federici, 2011, p. 39-41).

6“As ideologias destroem a linguagem, uma vez que, tendo perdido o contato com a realidade, o pensador ideológico passa a construir símbolos não mais para expressá-la, mas para expressar sua alienação em relação a ela” (Voegelin, 2008, p. 39).

7Muito embora a União Soviética tenha chegado próximo disso ao tentar abolir piadas contra Stalin e contra o comunismo, considerando-as como “propaganda anti-soviética” (Cf. Lewis, 2014)

8O gênero distópico é profuso no século XX, não à toa isso se dá século mais sangrento da história, século de comunismo e nazismo. São também características das distopias: a) ordenamento político totalitário, b) sistema econômico monopolista, c) estrutura social estratificada com castas, burocracia etc, d) personalidades individuais anuladas, e) eugenia ou outros tipos de manipulação biológica, f) atomização dos corpos, g) religião perseguida ou perseguidora, h) predominância do fator tecnológico, i) manipulação da linguagem, da mídia e da verdade histórica, j) predominância da ação violenta e k) esquema narrativo comum: história de fundo, clímax, desfecho, herói transgressor do sistema, tentativa de subversão do sistema etc.

9Um dos apelos moralistas de argumentadores marxistas é que toda a riqueza só é criada e só existe graças à força física envolvida (uma das premissas envolvidas na teoria marxista do valor-trabalho), porém, a força física não só abunda em *Cântico*, como abundou em todas os períodos anteriores à revolução industrial capitalista. Se a riqueza e o desenvolvimento estão atrelados não a mentes brilhantes e suas idéias, mas a músculos, por que não observamos riqueza em todas as outras épocas da história humana que foram impérios dos músculos?

10Um exemplo concreto disso a ser extraído da história da ciência é o caso da genética mendeliana, por longa data rejeitada na União Soviética como uma teoria de teor burguês em detrimento da biologia de Lysenko, completamente equivocada. O sacrifício dos fatos em favor de uma ideologia política totalitária ocasionou anos de atraso agrônomo à pátria de nascimento de Rand.

11A descoberta de Igualdade 7-2521 levaria a indústria de velas à falência, portanto, é prejudicial ao bom andamento da coletividade, o que leva a crer que é um mal em si mesmo. O episódio remete ao caso relatado por Frederic Bastiat em *A Lei* onde os fabricantes de velas movem uma petição contra a luz solar.

Quaisquer considerações anti-filosóficas são elas próprias, por definição, filosóficas.

12 Afirmar a inutilidade da filosofia ou sua ausência de finalidades práticas é a condição da mosca presa a uma garrafa que nega que a garrafa exista.

13 Talvez a melhor ilustração disso, e melhor justamente pela estranheza que causa nas mentes pós-modernas, seja a maneira com que os heróis dos romances de Ayn Rand escolhem seus parceiros sexuais. A relação sexual deve ser, para Rand, a consumação maior da alegria humana e ocorre como a consequência quase que lógica dos valores sustentados pelo casal. Vemos um lampejo disso na relação entre Igualdade 7-2521 e Internacional 4-8818, mas ainda melhor nos casos, por exemplo, do “playboy” Francisco D’Anconia de *A Revolta de Atlas*, embora sempre cercado de prostitutas, disse, num diálogo com Hank Rearden, que “o sexo é a manifestação física de um tributo aos valores” (Rand, 2010b, p. 169) e afirma que jamais se relacionou sexualmente com elas; o mesmo com Dagny e John Galt, que os dois se relacionassem sexualmente é uma consequência de suas virtudes, caráter e heroísmo.

14 Daí que o objetivismo se diferencie do libertarianismo, Rand gostava de classificar sua posição como a de uma “radical pelo capitalismo” e não como partidária de uma defesa absoluta da liberdade até que conduzisse ao anarquismo ou anarcocapitalismo (para Rand o Estado deveria existir para garantir o direito do indivíduo à propriedade). Os libertários eram chamados por Rand de “hippies da direita” pela mistura que fazem entre capitalismo e anarquismo, este último era considerado por Rand um conceito contraditório, irracional e anti-intelectual.

15 “A princípio, não sou uma advogada do capitalismo, mas do egoísmo; a princípio também não sou uma advogada do egoísmo, mas da razão. Se a supremacia da razão for reconhecida e aplicada de maneira consistente, todo o resto seguirá disso” (Rand, 1990).

16 Essa posição não apenas loca Rand na história da Filosofia contra idealismo e empirismo, como a coloca contra as diversas modas pós-modernas que ela própria enfrentou ao longo de sua vida e obra: desconstrucionismo, estruturalismo, relativismo cognitivo e normativo etc.

17 Não surpreendentemente a doutrina chamada “nihilismo” – crença que nada existe – conduz ao mais duro tipo de ceticismo cognitivo.

18 O livro de Ayn Rand com esse título é uma coletânea de textos da própria autora e de Nathaniel Branden, explicando e justificando o egoísmo racional (Cf. Rand, 2013).

NOTA DO TRADUTOR

Visto que no futuro distópico descrito por Ayn Rand a individualidade foi brutalmente suprimida, todas as personagens desconhecem os pronomes em primeira pessoa, o que torna a composição da prosa um tanto excêntrica, porém, confere originalidade à obra.

PREFÁCIO DA AUTORA

Esta história foi escrita em 1937.

Editei o texto para esta publicação, mas limitei a edição apenas ao estilo; reescrevi algumas passagens e cortei trechos com a linguagem carregada. Nenhum acontecimento foi adicionado ou omitido – o tema, o conteúdo e a estrutura permanecem intactos. A história permanece como era. Renovei seu rosto, mas mantive sua estrutura e seu espírito: estes não precisavam de renovação.

Alguns daqueles que leram a história quando foi escrita pela primeira vez, disseram que era injusta com os ideais do coletivismo; não representava, segundo eles, o que o coletivismo prescreve ou pretende; coletivistas não advogam ou querem dizer estas ou aquelas coisas – ninguém as advoga.

Apontarei apenas para o *slogan* “produção para o uso e não para o lucro”, que hoje em dia é aceito pela maioria das pessoas como um lugar-comum, e como um lugar-comum que almeja um objetivo legítimo e desejável. Se qualquer significado inteligível pode ser extraído desse *slogan*, qual será ele senão a idéia de que o trabalho de um homem deve submeter-se à necessidade, desejo ou ganho dos outros, e não ao seu próprio?

O recrutamento para trabalho compulsório é atualmente praticado em qualquer país do planeta. Em que ele se baseia, senão na idéia de que o Estado está melhor qualificado para decidir onde um homem pode ser útil aos outros, sendo essa utilidade o único fator levado em consideração enquanto suas próprias aspirações, desejos e felicidade devem ser ignorados como se fossem de nenhuma importância?

Nós temos Conselhos de Vocações, Conselhos de Eugenia, todo tipo possível de Conselho, incluindo um Conselho Mundial – e se ainda não possuem controle total sobre nós, será por falta de intenção?

“Ganhos sociais”, “aspirações sociais”, “objetivos sociais” se tornaram as platitudes diárias da nossa linguagem. A necessidade de uma justificativa social para todas as atividades e toda a existência é agora tida como algo certo. Não existe proposta ultrajante o suficiente caso o autor da proposta, por mais vaga e indefinida que seja, defenda algo em nome do “bem comum”.

Alguns consideram – não é o meu caso – que há nove anos havia alguma desculpa para o homem não conseguir ver para qual direção o mundo estava rumando. Hoje a evidência é tão escandalosa que nenhuma desculpa pode ser oferecida por mais ninguém. Aqueles que agora se recusam a enxergar são cegos ou inocentes.

A maior culpa das pessoas é aceitar o coletivismo por negligência moral: pessoas que querem se proteger da necessidade de tomar partido, ao recusarem admitir a natureza daquilo que estão aceitando; pessoas que apóiam projetos que conduzem à servidão, e se escondem por trás da falsa afirmação de que são amantes da liberdade, sem dar qualquer significado concreto à palavra; pessoas que crêem que o conteúdo das idéias não precisa ser averiguado, que princípios não precisam ser definidos e que fatos podem ser eliminados simplesmente fechando os olhos. Essas pessoas esperam ver-se num mundo de ruínas sangrentas e de campos de concentração e escapar da responsabilidade moral lamuriando: “mas eu não quis dizer *isso*”.

Aqueles que desejam a escravidão devem ter a bondade de chamá-la pelo nome. Devem enfrentar o significado completo do que estão defendendo ou permitindo que exista; o significado preciso, exato e completo de coletivismo, suas implicações lógicas, os princípios nos quais se baseia e das últimas conseqüências a que se esses princípios conduzirão.

Eles devem encarar isso e então decidir se é isso mesmo o que desejam – ou não.

AYN RAND

Abril de 1946

É UM PECADO ESCREVER ISTO. É um pecado pensar usando palavras que mais ninguém usa e colocá-las num papel que mais ninguém verá. É sórdido e malévolos. É como se falássemos sozinhos, para nenhum outro ouvido exceto o nosso. E bem sabemos que não existe transgressão mais grave do que fazer ou pensar algo por si só. Nós violamos leis. As leis dizem que os homens não podem escrever, exceto se o Conselho de Vocações solicitar que o façam. Que sejamos perdoados!

Mas este não é o único pecado que recai sobre nós. Cometemos um crime ainda maior e para esse crime não há nome. Não sabemos qual tipo de punição nos aguarda caso sejamos descobertos, pois tal crime não faz parte da memória humana e não existem leis que o prevejam.

Está escuro aqui. A chama da vela permanece viva no ar. Nada se move neste túnel exceto nossa mão sobre o papel. Não estamos sozinhos aqui, embaixo da terra. Essa é uma palavra assustadora – “sozinho”. As leis dizem que ninguém entre os homens pode estar sozinho, nunca e nenhuma vez, porque essa é a maior transgressão que pode haver e a raiz de todo mal. Mas violamos muitas leis. E agora não há nada exceto nosso corpo; é estranho ver apenas duas pernas esticadas no chão e na parede diante de nós apenas a sombra de nossa própria cabeça.

As paredes estão rachadas e delas escorrem finos fios de água, silenciosamente, negros e reluzentes como sangue. Roubamos a vela da despensa do Lar dos Varredores de Rua. Seremos sentenciados a dez anos no Palácio de Detenção Corretiva caso sejamos descobertos. Mas isso não importa. Só o que importa é que a luz é preciosa e não devemos desperdiçá-la, escrevendo quando precisamos dela para o trabalho que é nosso crime. Nada importa mais que o trabalho, nosso segredo, nossa maledicência, nosso

precioso trabalho. Ainda assim, também devemos escrever – que o Conselho tenham piedade de nós! –, pois desejamos falar de uma vez por todas para nenhum ouvido exceto o nosso próprio.

Nosso nome é Igualdade 7-2521, tal como está escrito em nosso bracelete de ferro, que todos os homens carregam em seu pulso esquerdo com seu nome gravado. Nós temos vinte e um anos de idade. Temos um metro e oitenta e dois de altura e isso é um fardo, pois não existem muitos homens com um metro e oitenta e dois de altura. Os Professores e os Líderes sempre olham para nós de sobrancelhas franzidas, e dizem: “há maldade em seus ossos, Igualdade 7-2521, porque seu corpo cresceu para além dos corpos dos seus irmãos”. Mas não podemos mudar nossos ossos e tampouco nosso corpo.

Nascemos com uma maldição. Ela sempre nos conduziu a pensamentos que são proibidos. Sempre nos suscitou desejos que os homens não podem ter. Sabemos que somos maus, mas não há vontade ou poder em nós para resistir. Esse é nosso dom e nosso medo secreto, do qual sabemos e não resistimos.

Ambicionamos ser como todos os nossos irmãos, pois todos os homens devem ser iguais. Na parte superior dos portais do Palácio do Conselho Mundial, algumas palavras estão gravadas no mármore, que repetimos para nós mesmos sempre que nos encontramos tentados:

“Somos um por todos e todos por um
Não há homens exceto o grandioso NÓS,
Uno, indivisível e eterno”

Repetimos isso para nós mesmos, mas não nos ajuda.

Essas palavras foram gravadas há muito tempo. Há lodo nos sulcos que formam as letras e listras amarelas no mármore, oriundas de mais anos do que os homens podem contar. Essas palavras são a verdade, por isso estão escritas no Palácio do Conselho Mundial, que é o Órgão da Verdade. Assim tem sido

desde o Grande Renascimento – e ainda muito antes disso, onde nenhuma memória pode alcançar.

Mas nunca devemos falar de épocas anteriores ao Grande Renascimento, caso contrário somos sentenciados a três anos no Palácio de Detenção Corretiva. Apenas os Antigos cochicham sobre isso nos entardeceres, no Lar dos Inúteis. Eles cochicham muitas coisas estranhas, acerca de torres que subiam aos céus, sobre carroças que se moviam sem cavalos e sobre luzes que queimavam sem chama naqueles Tempos Não-mencionáveis. Mas aquelas épocas são sombrias. Esses tempos passaram quando o homem viu a Grande Verdade, que é esta: todos os homens são um e não há vontade alguma exceto a vontade de todos os homens juntos.

Todos os homens são bons e sábios. Apenas nós, Igualdade 7-2521, que nascemos com uma maldição. Não somos como nossos irmãos. E conforme olhamos para nossa vida passada, vemos que sempre fomos assim e foi isso que nos conduziu, passo a passo, para nossa última transgressão, o crime dos crimes, escondido aqui sob a terra.

Lembramo-nos do Lar das Crianças, onde vivemos até os cinco anos de idade, junto com todas as crianças da Cidade que nasceram no mesmo ano. Os dormitórios eram brancos e limpos e nada havia lá exceto umas cem camas. Nós somos iguais aos nossos irmãos, salvo por nossa transgressão: nós brigamos com nossos irmãos. Existem poucas ofensas piores que brigar com nossos irmãos, em qualquer idade e por qualquer razão que seja. Assim o Conselho do Lar nos disseram e também para todas as crianças daquele ano. Sempre éramos trancados no porão.

Quando tínhamos cinco anos de idade, fomos enviados para o Lar dos Estudantes, onde há dez tipos de tutela, para cada dez anos de aprendizado. Os homens devem aprender até que alcancem quinze anos. Depois disso vão trabalhar. No Lar dos Estudantes nós nos levantávamos quando a grande campainha tocava na torre, e voltávamos para nossas camas quando ela tocava novamente. Antes de tirarmos nossas roupas, paramos no grande salão de

dormir, erguemos nosso braço direito e dizemos conjuntamente com três professores: “Não somos nada. A humanidade é tudo. Pela graça de nossos irmãos estamos autorizados a nossas vidas. Existimos por meio de, para e graças a nossos irmãos – que são o Estado. Amém.”

Então dormimos. Os dormitórios eram brancos e limpos e nada havia lá, exceto umas cem camas.

Nós, Igualdade 7-2521, não éramos felizes naqueles anos no Lar dos Estudantes. Não que o aprendizado fosse difícil para nós. É que o aprendizado era muito fácil. Este é um pecado muito maior, nascer espertos demais. Não é bom ser diferente de nossos irmãos, mas é maligno ser superior a eles. Os Professores nos diziam isso e franziam as sobrancelhas quando olhavam para nós.

Então lutávamos contra essa maldição. Tentávamos esquecer nossas lições, mas sempre acabávamos nos lembrando. Tentávamos não entender o que os Professores ensinavam, mas sempre entendíamos antes mesmo de os Professores terem ensinado. Olhávamos para União 5-3992, que eram garoto pálido com apenas metade do cérebro, e tentávamos dizer e fazer como eles faziam, deveríamos ser como eles, como União 5-3992, mas de alguma forma os Professores sabiam que não éramos. E acabávamos surrados com mais frequência que as outras crianças por isso.

Os Professores eram justos, pois foram designados pelo Conselho, e o Conselho representam a voz de toda a justiça e de todos os homens. E se às vezes, na escuridão secreta de nosso coração, nos arrependemos do que sucedeu conosco em nosso décimo quinto aniversário, sabemos que era graças à nossa própria culpa. Violamos uma lei ao não prestar atenção nas palavras dos nossos Professores. Os professores diziam a nós: “Não ousem, em suas mentes, escolher o trabalho que gostariam de executar quando deixarem o Lar dos Estudantes. Vocês devem fazer o que o Conselho de Vocações prescreverem. O Conselho de Vocações sabe, em sua vasta sabedoria, onde você é necessário para outros

homens, melhor do que vocês podem saber com suas mentes desprezíveis. E caso vocês não sejam necessários para seus irmãos, não há razão para vocês sobrecarregarem a terra com seu peso”.

Sabíamos disso muito bem nos anos de nossa infância, mas nossa maldição atrapalhou nossa vontade. Somos culpados e confessamos isso aqui: somos culpados pela grande Transgressão da Preferência. Demos preferência a alguns trabalhos e lições em detrimento de outros. Não ouvimos bem a história dos Conselhos eleitos desde o Grande Renascimento. Mas amamos a Ciência das Coisas. Gostaríamos de saber. Gostaríamos de saber sobre todas as coisas que compõem a terra ao nosso redor. Estudamos e resolvemos muitas questões que os professores proibiram.

Acreditamos que existem mistérios no céu, sob mar e nas plantas que crescem. Mas o Conselho dos Eruditos afirma que não existem mistérios e que eles sabem todas as coisas. Aprendemos muito com os Professores. Aprendemos que a terra é plana e que o sol gira em torno dela, o que ocasiona o dia e a noite. Aprendemos o nome de todos os ventos que sopram pelos mares e empurram as velas de nossos grandes navios. Aprendemos como a sangria pode curar o homem de todas as doenças.

Amávamos a Ciência das Coisas. E na escuridão, na hora secreta, quando acordávamos durante a noite e não havia nenhum irmão perto de nós, mas apenas suas formas e roncos nas camas, então fechávamos nossos olhos, mantínhamos os lábios cerrados e parávamos de respirar – que nenhum tremor permita que nossos irmãos vejam, ouçam ou desconfiem! – e pensávamos no desejo de sermos enviados ao Lar dos Eruditos quando chegasse nossa hora de trabalhar.

Todas as grandes invenções modernas vêm do Lar dos Eruditos, tais como as mais recentes, que descobrimos há apenas cem anos: como fabricar velas a partir de cera e cordas; também como fazer o vidro que é colocado em nossas janelas para nos proteger da chuva. Para encontrar essas coisas os Eruditos devem

estudar a terra e aprender sobre os rios, as areias, sobre os ventos e as rochas. E caso fôssemos para o Lar dos Eruditos, poderíamos aprender sobre isso também. Poderíamos fazer perguntas, pois eles não proíbem perguntas.

Nunca paramos de fazer perguntas. Não sabemos por que nossa maldição nos faz buscar aquilo que não sabemos, sempre e sem parar. Mas não podemos resistir. Ela sussurra a nós que existem coisas grandiosas nessa nossa terra, que podemos conhecê-las caso tentemos e que devemos fazer isso. Nos perguntamos por que devemos saber, mas não há resposta a ser obtida. Devemos saber que podemos conhecer.

Então desejamos ser enviados para o Lar dos Eruditos. Desejamos isso tanto que nossas mãos tremiam debaixo dos cobertores durante a noite e mordemos nosso braço para interromper a outra dor que não podíamos suportar. Isso era ruim e não ousávamos encarar nossos irmãos pela manhã. Os homens não devem desejar nada para si próprios. E fomos punidos quando o Conselho de Vocações veio entregar nossos Mandatos de vida, que informam a quem alcança seu décimo quinto ano qual será seu trabalho pelo resto de seus dias.

O Conselho de Vocações vieram no primeiro dia da primavera e os homens sentaram-se no grande salão. E nós (que tínhamos quinze anos), bem como todos os Professores, nos dirigimos ao grande salão. O Conselho de Vocações sentaram-se no estrado mais alto e tinham algumas palavrinhas para dizer a cada estudante. Eles chamavam os estudantes por seus nomes e quando estes se postavam diante deles, um após o outro, o Conselho dizia: “Carpinteiro”; ou “Médico”; ou “Cozinheiro”; ou “Líder”. Então cada estudante erguia o braço direito e dizia: “Que a vontade de nossos irmãos seja feita”.

Se o Conselho disseram “Carpinteiro” ou “Cozinheiro”, os estudantes a que estas profissões foram atribuídas vão ao trabalho e não estudam mais. Porém, se o Conselho disseram “Líder”, então esses estudantes vão para o Lar dos Líderes, que é a maior casa da

cidade. Lá existem três possibilidades: estudam por muitos anos para que se tornem candidatos e sejam eleitos para o Conselho Municipal, o Conselho Estadual ou o Conselho Mundial – numa eleição livre e geral com a participação de todos os homens. Mas nós não queríamos ser um “Líder”, mesmo que isso seja uma grande honra. Queríamos ser um “Erudito”.

Aguardamos pela nossa vez no grande salão e então ouvimos o Conselho de Vocações chamarem nosso nome: “Igualdade 7-2521”. Andamos até os estrados – nossas pernas não tremeram – e então olhamos para o Conselho. Havia cinco membros, três do sexo masculino e dois do feminino. Seus cabelos eram brancos e suas faces marcadas como argila no leito de um rio seco. Pareciam mais velhos que o mármore do Templo do Conselho Mundial. Sentavam-se diante de nós e não se moviam. Não víamos sequer um suspiro capaz de mover suas togas brancas. Mas sabíamos que estavam vivos, pois o dedo do mais velho se ergueu, apontou para nós e depois abaixou novamente. Essa foi a única coisa que se moveu, pois nem mesmo os lábios do mais velho se moveram quando eles disseram: “Varredor de Ruas”.

Sentimos as cordas do pescoço apertarem-se conforme erguíamos a cabeça para olhar nos rostos do Conselho, e estávamos felizes. Sabíamos que éramos culpados, mas agora tínhamos uma forma de reparação. Aceitaríamos nosso Mandato de Vida e trabalharíamos para nossos irmãos, prazerosa e voluntariamente, e então apagaríamos o pecado cometido contra eles, o qual eles não tinham conhecimento – mas nós, sim. Estávamos felizes e orgulhosos de nós mesmos e também da vitória sobre nós mesmos. Erguemos nosso braço direito e dissemos – e nossa voz era a mais nítida e firme do salão naquele dia: “Que a vontade de nossos irmãos seja feita”.

E olhamos diretamente nos olhos do Conselho, mas seus olhos azuis eram frios como vidro.

Assim, nos dirigimos ao Lar dos Varredores de Rua. Trata-se de uma casa cinza numa rua estreita. Havia um relógio de sol no pátio

da casa. É a partir dele que o Conselho do Lar podem dizer que horas são e em qual momento tocar a campainha. Quando a campainha toca, todos nos levantamos de nossas camas. O céu está esverdeado e com aparência gélida visto de nossas janelas apontadas para o leste. A sombra do relógio marca meia-hora para que possamos nos vestir e tomar café da manhã no refeitório, onde há cinco longas mesas com vinte pratos e copos de barro. Então vamos trabalhar nas ruas da Cidade, com nossas vassouras e rodos.

Em cinco horas, quando o sol está a pino, retornamos para o Lar e almoçamos. O tempo permitido para isso é de uma hora e meia. Depois, voltamos ao trabalho. Transcorridas outras cinco horas, as sombras nos pavimentos estão azuladas e o céu está azul com um brilho profundo que na verdade não é brilhante. Voltamos para o jantar, que dura uma hora. Em seguida, a campainha toca e andamos em fila única até um dos Salões da Cidade, para o Encontro Social. Outras filas únicas de homens chegam desde seus Lares, desde seus respectivos Afazeres. As velas estão acesas e os Conselhos dos diferentes Lares sobem num púlpito e falam conosco sobre nossos deveres e dos nossos irmãos. Após isso, Líderes visitantes também sobem ao púlpito e lêem discursos que foram escritos no Conselho Municipal naquele mesmo dia, pois o Conselho Municipal representam todos os homens e todos os homens devem conhecer o que eles dizem.

Então entoamos hinos – o Hino da Irmandade, o Hino da Igualdade, o Hino do Espírito Coletivo. O céu era de um roxo esmaecido, quando voltamos para o Lar. A campainha toca e andamos em fila única para o Teatro Municipal para três horas de Recreação Social. Lá, uma peça é apresentada no palco, com dois grandes coros do Lar dos Artistas, que perguntam e respondem juntos, em duas grandes vozes. As peças versam sobre o trabalho duro, e como ele é louvável. Depois disso voltamos para o Lar em fila única. Nesse momento, o céu se assemelha a uma peneira preta pincelada com gotas prateadas e trêmulas, prontas para estourar. As mariposas se debatem contra os postes de luz, nas ruas. Vamos

para nossas camas e dormimos até que a campainha toque novamente. Os dormitórios são brancos e limpos e livres de quaisquer coisas, exceto por cem camas.

Vivemos dessa maneira por quatro anos, até duas primaveras atrás quando nosso crime aconteceu. Todos os homens devem viver assim até que completem quarenta anos. Aos quarenta eles estão ultrapassados. Aos quarenta são enviados para o Lar dos Inúteis, onde os Antigos vivem. Os Antigos não trabalham, o Estado toma conta deles. Tomam sol no verão e ficam ao lado de lareiras no inverno. Normalmente não falam, pois são cansados. Os Antigos sabem que morrerão em breve. Quando se passa um milagre e um deles chega aos quarenta e cinco, eles se tornam Os Anciões e as crianças os fitam quando passam pelo Lar dos Inúteis. Essa é nossa vida, a de todos os nossos irmãos e todos que vieram antes de nós.

Esta teria sido nossa vida caso não tivéssemos cometido nosso crime, o que mudou tudo para nós. Foi nossa maldição que nos conduziu ao crime. Teríamos sido bons Varredores de Rua e como todos nossos demais irmãos Varredores de Rua, livres do maldito desejo de saber. Olhávamos demais para as estrelas, para as árvores e para a terra durante a noite. E quando limpávamos o jardim do Lar dos Eruditos, recolhíamos os frascos de vidro, os pedaços de metal e os ossos secos que eles haviam descartado. Desejávamos ficar com essas coisas para estudá-las, mas não tínhamos lugar para isso. Então as levamos para a Fossa da Cidade. Ali fizemos a descoberta.

Faltava um dia para a primavera acabar. Nós, Varredores de Rua, trabalhamos em Brigadas compostas por três Varredores: com União 5-3992, aqueles com apenas meio cérebro e com Internacional 4-8818. União 5-3992 são um rapaz doente e algumas vezes acometidos por convulsões, quando sua boca espuma e seus olhos ficam brancos. Mas Internacional 4-8818 são diferentes. São jovens, altos e seus olhos parecem vaga-lumes, pois há algo de risonho em seu olhar. Não podemos olhar ou sorrir para Internacional 4-8818 em resposta à sua condição. Por isso eles não

pertencem ao Lar dos Estudantes, visto que não é apropriado sorrir sem razão. Ninguém gostava deles pois pegavam pedaços de carvão e faziam desenhos nas paredes e estes desenhos faziam os homens rirem. Apenas nossos irmãos da Casa dos Artistas estão autorizados a fazer desenhos, o que levou Internacional 4-8818 a serem enviados para o Lar dos Varredores de Rua, como nós.

Internacional 4-8818 e nós somos amigos. Isso é algo maligno de se dizer, porque é uma transgressão, a grande Transgressão da Preferência, amar um homem entre todos mais que os demais, visto que devemos amar todos os homens como nossos amigos. Internacional 4-8818 e nós nunca falamos sobre isso. Porém sabemos. Sabemos quando olhamos para os olhos um do outro. E quando estes olhares desacompanhados de palavras ocorrem, ambos sabem de coisas, coisas estranhas para as quais não existem palavras. Essas coisas nos assustam.

Naquele último dia de primavera, União 5-3992 sofreram com convulsões na margem da Cidade, próximo do Teatro. Os deixamos deitados na tenda do Teatro e fomos com Internacional 4-8818 finalizar nosso trabalho. Fomos juntos até o grande desfiladeiro atrás do teatro. É vazio exceto pelas árvores e ervas daninhas. Para além do desfiladeiro há uma planície e para além da planície se encontra a Floresta Desconhecida, sobre a qual o homem não deve pensar.

Estávamos recolhendo os papéis e trapos espalhados pelo vento do lado de fora do Teatro quando vimos uma barra de ferro entre as ervas daninhas. Estava velha e enferrujada pelas chuvas. Puxamos a barra com toda nossa força, mas não pudemos movê-la. Então chamamos Internacional 4-8818 e cavamos ao redor da barra. De repente a terra cedeu diante de nós e vimos uma grade de ferro em um buraco escuro.

Internacional 4-8818 deram um passo para trás, mas puxamos a grade e ela saiu. Ao fazer isso vimos algumas argolas de ferro que apontavam para uma descida para um lugar escuro e sem fundo visível.

“Devemos descer”, dissemos para Internacional 4-8818.

“É proibido”, responderam.

Dissemos: “O Conselho não sabem da existência deste buraco, portanto, não pode ser proibido”.

E responderam: “Visto que o Conselho não sabem da existência desse buraco, não pode haver qualquer lei permitindo a entrada. E tudo que não é permitido por lei é proibido”.

“Ainda assim, devemos ir”, respondemos.

Estavam assustados, mas permaneceram lá e observaram descermos.

Seguramos nas argolas com nossas mãos e pés. Não conseguíamos ver nada abaixo de nós. E acima de nós o buraco que mostrava o céu diminuía cada vez mais, até que ficou do tamanho de um botão. Então nosso pé tocou o chão. Esfregamos nossos olhos pois não conseguíamos ver. Isso fez com que nossos olhos fossem úteis na escuridão, mas não podíamos acreditar naquilo que víamos.

Nenhum homem que conhecemos poderia ter construído esse lugar, tampouco os homens conhecidos por nossos irmãos que viveram antes de nós e ainda sim isso foi construído por homens. Era um grande túnel. Suas paredes eram espessas, porém agradáveis ao toque; pareciam feitas de rocha, mas não eram rocha. No chão havia pequenos traços de ferro, mas não era propriamente ferro, eram macios e frios como vidro. Nos ajoelhamos e seguimos em frente engatinhando, acompanhando os traços de ferro para ver até onde nos conduziriam. Havia uma noite inteira pela frente. O traçado de ferro brilhava, claro e distinto, nos convidando a segui-lo. Mas não podíamos segui-lo, pois nos distanciávamos do ponto de luz, que ficava para trás. Então viramos e engatinhamos de volta, com nossas mãos no traçado de ferro. Nosso coração batia na ponta de nossos dedos, sem razão. Depois disso soubemos.

Rapidamente soubemos que este lugar era remanescente da época dos Tempos Não-mencionáveis. Então era verdade: aqueles Tempos existiram, bem como todas suas maravilhas. Há centenas e centenas de anos os homens conheceram segredos que se perderam. E pensamos: “Este é um lugar insano. Aqueles que tocam as coisas oriundas dos Tempos Não-mencionáveis estão perdidos”. Mas nossas mãos, que seguiam a trilha conforme engatinhávamos, agarraram-se ao ferro. Era como se a pele das nossas mãos estivesse sedenta e implorando por algum fluido secreto contido no metal, correndo por ele em meio a escuridão.

Retornamos à terra. Internacional 4-8818 nos encararam e deram passos para trás.

“Igualdade 7-2521”, disseram, “seu rosto está branco”.

Mas não conseguíamos falar e permanecemos parados olhando para eles.

Se retiraram, como se não pudessem nos tocar. Então sorriram, mas não era um sorriso com interesse sexual, era um sorriso deslocado e suplicante. Ainda assim não podíamos falar. Então disseram:

“Devemos reportar nosso achado ao Conselho Municipal e ambos seremos recompensados”.

Após isso conversamos. Nossa voz era firme e não havia qualquer sinal de compaixão. Dissemos:

“Não devemos reportar nosso achado ao Conselho Municipal. Não devemos reportar a nenhum homem”.

Eles ergueram as mãos de forma que tampassem os ouvidos. Nunca haviam ouvido tais palavras.

“Internacional 4-8818”, perguntamos, “vão nos reportar ao Conselho Municipal e assistir sermos chicoteados até a morte?”.

Permaneceram impassíveis e de repente responderam:

“Preferimos morrer”.

“Portanto”, dissemos, “permaneçam em silêncio. Este lugar é nosso. Este lugar pertence a nós, Igualdade 7-2521, e a mais nenhum homem na terra. E caso abramos mão dele, abriremos mão de nossa vida também”.

Após isso olhamos nos olhos de Internacional 4-8818 e eles estavam lacrimejando, mas eles não ousaram deixar que as lágrimas caíssem. Eles sussurraram e sua voz tremeu, o que fez com que as palavras perdessem um pouco de sua nitidez:

“A vontade do Conselho está acima de todas as coisas, pois representa a vontade de nossos irmãos, que é sagrada. Mas se vocês desejam assim, nós os obedeceremos. Preferimos ser mais agradáveis com vocês do que com nossos demais irmãos. Que o Conselho tenham piedade sob nossos corações!”.

Então caminhamos juntos de volta para o Lar dos Varredores de Rua. Caminhamos em silêncio.

E assim foi que passamos todas as noites. Quando as estrelas estão bem altas e os Varredores de Rua sentam-se no Teatro Municipal, nós, Igualdade 7-2521, escapamos e corremos pela escuridão até nosso esconderijo. É fácil deixar o Teatro, quando as velas são apagadas e os artistas vêm ao palco. Olhos nenhum são capazes de nos ver quando saímos, passando por debaixo de nosso assento e da tenda. Posteriormente, é fácil andar vagarosamente pelas sombras e se aproximar de onde Internacional 4-8818 estão sentados, na fila que segue para fora do Teatro. Está escuro nas ruas e nenhum homem se encontra nelas, pois nenhum homem pode andar pelas ruas da Cidade quando não tem uma missão que autorize a isso. Toda noite corremos para o desfiladeiro, removemos as pedras que nós mesmos amontoamos sob a grade de ferro para esconder a entrada dos demais homens. Todas as noites, por três horas, ficamos embaixo da terra, sozinhos.

Roubamos velas do Lar dos Varredores de Rua e também roubamos fósforos, facas e papel, que trouxemos para este lugar. Também roubamos frascos de vidro, pólvora e ácidos do Lar dos

Eruditos. Agora sentamos no túnel por três horas todas as noites e estudamos. Fundimos metais estranhos, misturamos ácidos, dissecamos animais que achamos na Fossa da Cidade. Construímos um forno com as pedras que juntamos nas ruas. Queimamos a madeira que encontramos no desfiladeiro. As faíscas e as sombras azuis produzidas no forno dançam pelas paredes e não há qualquer barulho humano que nos perturbe.

Também roubamos alguns manuscritos. Isso representa um crime grave. Manuscritos são preciosos para nossos irmãos do Lar dos Escriturários, que empregam mais de um ano para fazer uma cópia deles em suas máquinas de escrever. Os Manuscritos são raros e mantidos no Lar dos Eruditos. Então sentamos aqui sob a terra e lemos os manuscritos roubados. E nesses dois anos aprendemos mais do que em dez anos no Lar dos Estudantes.

Aprendemos coisas que não estão nos manuscritos. Solucionamos segredos de que os Eruditos não têm conhecimento. Observamos quão grandioso é o inexplorado e nem mesmo muitas vidas nos levariam ao fim da nossa busca. Mas não desejamos interrompê-la. Não desejamos nada, exceto estarmos sozinhos e aprender, acompanhar nossa visão se tornar mais nítida que a de um falcão e mais clara que um cristal.

Os modos pelo qual o mal age são estranhos. Somos falsos diante de nossos irmãos. Estamos desafiando a vontade de nossos Conselhos. Nós, sozinhos, dos milhares que caminham por essa terra, estamos fazendo um trabalho que não tem propósito exceto o fato de que queremos executá-lo. A maldade de nosso crime não deve ser investigada pela mente humana. A natureza da nossa punição, caso seja descoberta, não deve ser ponderada pelo coração humano. Nunca, nem mesmo na memória dos Anciões, houve homens fazendo o que estamos fazendo.

Ainda assim, não sentimos nenhuma vergonha ou nenhum arrependimento. Dizemos para nós mesmos que somos desgraçados e traidores. Mas não sentimos nenhum peso sob nosso espírito e nenhum medo em nosso coração. Parece a nós

que nosso espírito é claro como um lago que só é atingido pelos raios do sol. E em nosso coração – como são estranhas as emboscadas do mal! – há a paz que não houve durante vinte anos.

LIBERDADE 5-3000... Liberdade cinco-três mil... Liberdade 5-3000...

Temos vontade de escrever esse nome. Desejamos pronunciá-lo, mas não ousamos ir além de sussurrá-lo. Homens estão proibidos de observar mulheres e mulheres proibidas de observar homens. Porém, pensamos em uma entre as mulheres, aquelas cujo nome é Liberdade 5-3000, e não pensamos em nenhuma outra.

As mulheres que foram designadas para a tarefa de trabalhar arando a terra vivem no Lar dos Camponeses, depois da Cidade. Quando a Cidade acaba, há uma grande estrada com um desvio para o norte cujo primeiro quilômetro nós, Varredores de Rua, devemos manter limpo. Há uma cerca viva ao longo na estrada e depois dela se encontram os campos. Os campos são negros e arados e se mostram diante de nós como um grande leque, com seus canteiros unidos como que por perícia, e que se espalham em direção ao céu, ampliando-se largamente enquanto vêm em nossa direção, como dobras negras que brilham, acompanhadas de lantejoulas verdes e minúsculas. As mulheres trabalham nos campos e suas túnicas brancas tremulam com o vento como as asas das gaivotas vistas sob o solo escuro.

E foi lá que vimos Liberdade 5-3000, caminhando pelas lavouras. Seu corpo era ereto e lânguido como uma lâmina de ferro. Seus olhos eram fixos, escuros e brilhantes, sem demonstrar qualquer medo, generosidade ou culpa. Seus cabelos eram dourados como o sol, voavam com o vento, brilhantes e soltos, como se desafiassem os homens a não atrapalhá-los. Jogavam sementes de suas mãos como se tivessem sido autorizadas a conceder um presente com desprezo e como se a terra fosse um pedinte sob seus pés.

Ali permanecemos; pela primeira vez soubemos o que é medo e depois dor. E permanecemos de forma que não extravasássemos essa dor mais preciosa que o prazer.

Então ouvimos uma voz de alguma das outras mulheres chamar pelo seu nome: “Liberdade 5-3000” – então se viraram e foram embora. Foi assim que aprendemos seu nome e ficamos observando-as irem embora, até que sua túnica branca se perdesse na mistura azul da paisagem.

No dia seguinte, conforme fomos para a parte norte da estrada, mantivemos os olhos em Liberdade 5-3000 no campo. E em cada dia posterior conhecemos a agonia de esperar pela nossa área na parte norte da estrada. E lá observamos Liberdade- 5-3000 todos os dias. Não sabíamos se elas também nos olhavam, mas acreditávamos que sim.

Então um dia elas se aproximaram da cerca viva e se viraram para nós. Se viraram num rodopio, e o movimento de seus corpos interrompeu-se quase tão rápido quanto iniciou, como se tivesse sido golpeado. Permaneceram paradas como uma pedra e olharam diretamente para nós, em nossos olhos. Não havia sinal de acolhida em seu rosto, tampouco um sorriso. Seu rosto era teso e seus olhos escuros. Então se viraram rapidamente e foram embora.

Mas no dia seguinte, quando nos aproximamos da estrada, sorriram. Sorriram para nós e por nós. E sorrimos em resposta. Sua cabeça moveu-se para trás, seus braços abaixaram-se, como se seus braços e seu delicado e alvo pescoço tivessem sido atingidos por algo com grande lassidão. Não eram grandiosas desde nosso ponto de vista, mas eram do ponto de vista celestial. Então olharam para nós, de relance, por cima do ombro, o que fez com que caíssemos, como se uma mão tivesse tocado nosso corpo, escorregando suavemente dos nossos lábios até nossos pés.

Em todas as manhãs posteriores a isso cumprimentávamo-nos com os olhos. Não ousávamos nos falar. É uma transgressão falar com pessoas que realizam outros Afazeres, exceto nos grupos dos

Encontros Sociais. Porém, uma vez, ao permanecermos ali, próximos à cerca viva, erguemos nossa mão até nossa testa e a movemos lentamente, com a palma para baixo, em direção a Liberdade 5-3000. Caso outros tivessem visto, não poderiam ter suposto nada, pois, se observaram, apenas nos viram como se estivéssemos protegendo nossos olhos do sol. O que importa é que Liberdade 5-3000 viram e entenderam. Elas ergueram sua mão até a testa e a moveram, como fizemos. Dessa maneira, todos os dias, cumprimentávamos Liberdade 5-3000 e elas respondiam sem que nenhum homem suspeitasse.

Não nos orgulhamos desse nosso novo pecado. É nossa segunda Transgressão de Preferência, pois não pensamos em todos os nossos irmãos como deveríamos, mas apenas em umas, e seu nome é Liberdade 5-3000. Não sabemos por que pensamos nelas. Não sabemos por que, quando pensamos nelas, sentimos de chofre que a terra é boa e que viver não é um fardo.

Não pensamos mais nelas como Liberdade 5-3000. Demos a elas, em nossos pensamentos, um nome. As chamamos de A Excelente. Porém, é um pecado dar nomes que distingam alguns homens de outros. Ainda assim as chamamos de Excelente porque elas não são como as outras. Excelente não são como as outras.

Não damos atenção à lei que diz que homens não devem pensar em mulheres, exceto na Época do Acasalamento. Esse momento ocorre em todas as primaveras, onde todos os homens com mais de vinte anos e todas as mulheres com mais de dezoito anos são enviados para uma noite no Palácio de Acasalamento Municipal. O Conselho de Eugenia atribuem a cada homem uma respectiva mulher. As crianças nascem todos os invernos, mas as mães nunca vêem seus filhos e os filhos não conhecem seus pais. Fomos enviados duas vezes ao Palácio de Acasalamento, mas é algo tão vergonhoso e desagradável que não gostamos de pensar.

Violamos muitas leis e hoje violamos uma a mais. Hoje conversamos com Excelente.

Quando paramos à beira da estrada, as mulheres mais próximas estavam bastante distantes no campo. Excelente estavam ajoelhadas próximas ao fosso que corta o campo. As gotas de água que caíam de suas mãos conforme levavam a água até seus lábios pareciam faíscas de fogo quando imiscuídas à luz solar. Então, Excelente nos viram e não se moveram, permaneceram lá, ajoelhadas, fitando-nos. Círculos de luz moviam-se por sua túnica branca, devido ao sol que se refletia na água do fosso; então uma gota brilhante escorregou de um de seus dedos, como se estivesse congelada no ar.

Depois disso, Excelente levantaram-se e caminharam pelo canto do campo, como se tivessem ouvido um comando, só que com seus olhos. Os dois outros Varredores de Rua da nossa brigada estavam a uns cem passos adiante na estrada. Imaginamos que Internacional 4-8818 não nos trairiam e União 5-3992 não nos entenderiam. Então olhamos diretamente para Excelente, vimos as sombras de seus cílios em suas bochechas alvas e fagulhas de sol em seus lábios. Dissemos:

“Vocês são bonitas, Liberdade 5-3000”.

Seus rostos não se moveram e seus olhos não desviaram. Suas pupilas se dilataram e havia triunfo em seus olhos, não triunfo sobre nós, mas sobre coisas que não podíamos adivinhar.

Então perguntaram:

“Qual seu nome?”

“Igualdade 7-2521”, respondemos.

“Vocês não são um dos nossos irmãos, Igualdade 7-2521; também não desejamos que vocês sejam”.

Não pudemos decifrar o que quiseram dizer com isso, pois não existem palavras que expressem seu significado, mas sabemos mesmo sem palavras e sabíamos naquele momento.

“Não”, respondemos, “tampouco vocês são uma de nossas irmãs”.

“Caso nos avistem entre dezenas de mulheres, irão nos reconhecer?”.

“Olharemos para vocês, Liberdade 5-3000, caso vejamos vocês entre todas as mulheres da terra”.

Então perguntaram:

“Os Varredores de Rua são enviados para diferentes partes da Cidade ou sempre trabalham nos mesmos lugares?”.

“Sempre trabalham nos mesmos lugares”, respondemos, “e ninguém tomará esta estrada de nós”.

“Seus olhos”, elas disseram, “não são como os olhos de quaisquer outros homens”.

E de repente, por causa do pensamento que nos ocorreu sem explicação aparente, nos sentimos gelados, gelados até o estômago.

“Quantos anos vocês têm?”, perguntamos.

Compreenderam nossa pergunta, pois baixaram os olhos pela primeira vez.

“Dezessete”, sussurraram.

E suspiramos, como se um peso tivesse sido retirado de nós, pois pensamos sem razão no Palácio de Acasalamento. Pensamos que não permitiríamos que Excelente fossem enviadas ao Palácio. Ainda não sabíamos como preveniríamos isso, como barraríamos a vontade do Conselho – apenas sabíamos que faríamos isso. Só não sabíamos por que tal pensamento veio até nós, pois estas medonhas questões não guardam qualquer relação conosco ou com Excelente. Que relação podem guardar?

Ainda assim, sem qualquer razão, enquanto estávamos próximos da cerca viva, sentimos nossos lábios cerrarem-se de ódio, um ódio repentino de todos os nossos irmãos. E Excelente viu isso e sorriram vagarosamente, em seu sorriso havia o primeiro sinal de tristeza que havíamos visto nelas. Acreditamos que com

sua sabedoria feminina Excelente podem entender melhor do que nós.

Então três irmãs que também trabalhavam no campo apareceram e se dirigiram para a estrada. Foi quando Excelente se afastaram de nós. Pegaram o cesto com as sementes e jogaram-nas nas partes aradas da terra enquanto se afastavam. Porém as sementes caíram desordenadamente, pois as mãos de Excelente estavam trêmulas.

Conforme voltávamos para o Lar dos Varredores de Rua sentimos, sem razão, necessidade de cantar. Isso fez com que fôssemos repreendidos no salão de jantar, pois começamos a cantar uma melodia que nunca havíamos ouvido antes, sem qualquer razão. Não é apropriado cantar sem razão, exceto nos Encontros Sociais.

“Estamos cantando porque estamos felizes”, justificamos a um dos membros do Conselho do Lar, que nos repreenderam.

“É claro que você está feliz”, responderam, “de que outra forma os homens podem estar quando vivem para os seus irmãos?”

E agora, sentados aqui em nosso túnel, refletimos sobre essas palavras. É proibido não estar feliz. Porque, conforme nos foi explicado, os homens são livres e a terra pertence a eles, todas as coisas da terra pertencem a todos os homens e a vontade de todos os homens é boa para todo mundo; portanto todos os homens devem ser felizes.

Ainda enquanto estamos no grande salão durante a noite, tirando nossas roupas de dormir, olhamos para nossos irmãos e imaginamos coisas. As cabeças de nossos irmãos são curvadas. Seus olhos demonstram enfado e nunca olham nos olhos uns dos outros. Os ombros são arqueados e os músculos retorcidos, como se seus corpos estivessem encolhendo e desejando encolher até desaparecer de vista. Uma palavra circula em nossa cabeça quando olhamos para nossos irmãos: essa palavra é *medo*.

Há medo circulando no ar do dormitório, bem como no ar das ruas. O medo caminha pela Cidade, medo sem nome e sem forma. Todos o sentem, mas ninguém ousa falar sobre ele.

Também o sentimos quando estamos no Lar dos Varredores de Rua. Entretanto, aqui, em nosso túnel, não o sentimos mais. O ar é puro abaixo do solo. Não apresenta o odor de nenhum homem. E essas três horas nos proporcionam força para as horas que passamos acima do solo.

Nosso corpo está a nos trair, pois o Conselho olham para nós com desconfiança. Não é bom sentir alegria demasiadamente ou estar orgulhoso por que nosso corpo vive. Para nós não importa e não deve importar se vivemos ou morremos, o que significa ser como nossos irmãos são. Contudo, nós, Igualdade 7-2521, estamos orgulhosos de viver. Se isto representa um vício, então não desejamos a virtude.

Nossos irmãos não são como nós. As coisas não estão bem com nossos irmãos. Temos Fraternidade 2-5503, garotos espertos, olhos gentis, sempre choram repentinamente e sem razão, na metade do dia ou da noite, o corpo estremece com soluços que não têm explicação. Também temos Solidariedade 9-6347, jovens brilhantes que não demonstram medo durante o dia; mas gritam durante a noite enquanto dormem – e gritam assim: “Nos ajudem! Nos ajudem! Nos ajudem!”, e sua voz faz com que tenhamos calafrios, mas os Médicos não podem curar Solidariedade 9-6347.

Enquanto nos despimos durante a noite, com a fraca luz das velas, nossos irmãos permanecem em silêncio, pois não ousam verbalizar os pensamentos que ocupam suas mentes. Visto que todos devem concordar com todos e não podem saber se seus pensamentos são os mesmos dos demais, todos temem falar. E sentem-se bem quando as velas se apagam. Porém nós, Igualdade 7-2521, olhamos para o céu através da janela e vemos paz no céu, além de um céu limpo e cheio de dignidade. Para além da Cidade se encontra a planície e para além da planície, negra sob o céu escuro, se encontra a Floresta Desconhecida.

Não desejamos olhar para a Floresta Desconhecida. Também não desejamos pensar nela. Mas nossos olhos sempre retornam para aquela parte negra que se cruza com o céu. Os homens nunca entram na Floresta Desconhecida, pois não há capacidade para explorá-la e nenhum caminho a seguir entre suas árvores antigas que permanecem como guardiãs de temores secretos. Conta-se que uma ou duas vezes a cada cem anos, alguns dos homens da Cidade escapam e correm sozinhos em direção à Floresta Desconhecida, mesmo sem razão aparente ou sem serem solicitados. Tais homens não retornam. Perecem de fome ou pelas garras de bestas selvagens que rondam a Floresta. Porém, nossos Conselhos afirmam que isso são apenas lendas. Ouvimos dizer que existem muitas Florestas Desconhecidas espalhadas pelas terras, entre as Cidades. Também se afirma que elas surgiram em meio às ruínas de muitas cidades que remontam aos Tempos Não-mencionáveis. As árvores engoliram as ruínas, os ossos entre as ruínas e todas as coisas que pereceram.

Quando olhamos para a Floresta Desconhecida durante a noite, pensamos nos segredos dos Tempos Não-mencionáveis. E imaginamos como foi que tais segredos se perderam para o resto do mundo. Ouvimos as lendas das grandes batalhas em que muitos homens lutaram de um lado e apenas alguns poucos de outro. Esses poucos eram os Malignos e foram derrotados. Então grandes incêndios assolaram as terras. Durante esses incêndios, os Malignos e todas as coisas feitas por eles foram queimadas. E no incêndio que é chamado de Amanhecer do Grande Renascimento estava o Manuscrito do Fogo, onde todos os manuscritos dos Malignos foram queimados e com eles todas as palavras já escritas pelo Malignos. Grandes montanhas de fogo assolaram as praças das Cidades por três meses seguidos. Então veio o Grande Renascimento.

As palavras dos Malignos... As palavras dos Tempos Não-Mencionáveis... Que palavras eram estas que perdemos?

Que o Conselho tenham piedade de nós! Não tínhamos a intenção de escrever tal questionamento e não sabíamos o que estávamos fazendo até que o tivéssemos escrito. Não faremos mais essa pergunta e não pensaremos mais nela. Não queremos que a morte recaia sobre nós.

Ainda assim... Ainda assim...

Existe uma palavra, uma única palavra que não está na linguagem dos homens, mas que já esteve. Esta é a Palavra Inexprimível, que nenhum homem pode falar ou ouvir. Porém, algumas vezes, e é raro, em algum lugar, alguns homens descobrem essa palavra. Encontram-na em rabiscos dos velhos manuscritos ou esculpida em fragmentos de pedras antigas. Mas quando a pronunciam são condenados a morte. Não existe crime suscetível de morte neste mundo, exceto o crime de dizer a Palavra Inexprimível.

Vimos uns desses homens serem queimados vivos na praça da Cidade. E foi uma visão que permaneceu em nós ao longo dos anos, uma visão que nos persegue, nos acompanha e não nos dá descanso. Éramos crianças, tínhamos dez anos. Permanecemos na praça com todas as crianças e todos os homens da Cidade, obrigados a observar a fogueira. Trouxeram o Transgressor para a praça e foram conduzidos até a pira. Havia arrancado a língua do Transgressor, para que não pudessem falar mais nada. Tinham cabelo dourado e olhos azuis como o amanhecer. Andaram até a pira e seus passos não vacilaram. De todos os rostos na praça, de todos ali, que gritavam, berravam e o amaldiçoavam, seu rosto era o mais calmo e mais feliz.

Conforme as correntes enrolavam-se em seu corpo amarrado a uma estaca e as chamas ocupavam a pira, o Transgressor olhavam para a Cidade. Havia um filete de sangue escorrendo do canto de sua boca, mas seus lábios sorriam. Então um pensamento monstruoso nos ocorreu e nunca mais nos abandonou. Ouvimos falar sobre Santos. Existem os Santos do Trabalho, os Santos dos Conselhos e os Santos do Grande Renascimento. Mas nunca

havíamos visto um Santo e tampouco sabíamos qual semblante eles apresentam. Pensamos então, ali parados na praça, que o semblante de um Santo era exatamente o daquele rosto diante de nós, em chamas; o rosto do Transgressor da Palavra Inexprimível.

Enquanto as chamas aumentavam, algo que apenas nossos olhos viram aconteceu, caso contrário não estaríamos vivos hoje. Talvez tenha sido apenas uma impressão. Mas parecia que os olhos do Transgressor nos escolheram, entre todos da multidão, e nos olhavam diretamente. Não havia dor em seus olhos e nenhuma aparência da agonia pela qual passava seu corpo. Havia apenas alegria neles, e orgulho, o mais sagrado orgulho que um ser humano pode ter. Parecia a nós que tais olhos queriam nos revelar algo, entre as chamas; transmitir visualmente alguma palavra impronunciável. Parecia que seus olhos nos imploravam para captar aquela palavra e não deixar escapá-la de nós e da terra. Mas as chamas aumentaram e não pudemos perceber qual era a palavra...

Qual – mesmo que tenhamos que queimar por ela, como o Santo da pira –, qual é essa Palavra Inexprimível?

NÓS, IGUALDADE 7-2521, descobrimos um novo poder da natureza. E descobrimos sozinhos e apenas nós sabemos disso.

Que seja dito. Que sejamos chicoteados por isso, caso seja necessário. O Conselho dos Eruditos afirmam que conhecemos todas as coisas que existem e, portanto, as coisas que não são conhecidas por todos não existem. Contudo, achamos que o Conselho dos Eruditos são cegos. Os segredos desse planeta não estão à disposição de todos os homens, mas apenas daqueles que os buscam. Sabemos disso porque conhecemos um segredo desconhecido para nossos irmãos.

Não sabemos que é este poder e tampouco de onde vem. Mas conhecemos sua natureza, vimos funcionar e trabalhamos com ele. O vimos pela primeira vez há dois anos. Numa certa noite, estávamos dissecando um sapo morto, quando vimos uma de suas pernas se contrair. O sapo estava morto, ainda assim a perna se moveu. Não pudemos compreender. Após muitos testes, encontramos a resposta. O sapo fora pendurado num fio de cobre e o metal de nossa navalha enviou algum tipo de poder estranho para o cobre por meio da água saturada que envolvia o corpo do sapo. Colocamos um pedaço de cobre e outro de zinco num recipiente com água saturada, tocamos um fio nos pedaços e um milagre ocorreu entre nossos dedos, um milagre que nunca havia ocorrido antes, um novo milagre e um novo poder.

A descoberta nos perseguia. Demos preferência a ela em todos os nossos estudos. Trabalhamos com ela, fizemos diversos testes, tantos que não podemos descrever, e a cada passo um novo milagre se revelava diante de nós. Viemos a descobrir que encontramos o maior dos poderes da terra. Faz a agulha se mover e altera a bússola que roubamos do Lar dos Eruditos – contudo, fomos ensinados, ainda quando crianças, que os imãs apontam

para o norte e que esta é uma lei que não pode ser alterada. Ainda que nosso novo poder desafie todas as leis. Descobrimos que ele causa os raios, e o homem nunca soube o que causa um raio. Durante tempestades, erguemos uma haste de ferro ao lado do buraco que serve de entrada para nosso esconderijo e a observamos lá de baixo. Vimos raios atingi-la repetidas vezes. E agora sabemos que o metal atrai o poder dos céus e que o metal pode ser usado para dar ocasião ao nosso poder.

Construímos coisas estranhas com essa nossa descoberta. Nos deu uso para os fios de cobre que encontramos aqui embaixo. Andamos por todo nosso túnel, com uma luz clareando o caminho. Não podíamos ir além de pouco mais de meio quilômetro, pois havia terra e pedras nos fins. Porém, recolhemos todas as coisas que encontramos e as trouxemos para nosso local de trabalho. Encontramos algumas caixas estranhas, com barras de metal em seu interior e também com cabos, cordões e rolos de metal. Encontramos fios que nos levaram a alguns globos de vidro estranhos nas paredes; eles continham pequenos pedaços de fio que eram menores que uma teia de aranha.

Estas coisas nos ajudam em nosso trabalho. Não as entendemos, mas achamos que os homens dos Tempos Não-mencionáveis conheciam nosso poder que vem do céu e as coisas que encontramos têm alguma relação com ele. Não sabemos, mas iremos aprender. Não podemos parar agora, mesmo que isso nos assuste: estamos sozinhos com nosso conhecimento.

Ninguém pode possuir um conhecimento maior do aquele possuído por muitos Eruditos, que foram eleitos por todos os homens justamente graças a seu conhecimento. Ainda assim nós podemos. Lutamos para não dizê-lo, mas que agora seja dito. Não nos importamos. Esquecemos todos os homens, todas as leis e todas as coisas exceto nossos metais e fios. Ainda há tanto para ser conhecido! Uma longa estrada se apresenta diante de nós, e nos importamos se teremos de percorrê-la sozinhos?

IV

MUITOS DIAS SE PASSARAM para que pudéssemos falar com Excelente novamente. O que veio foi o dia em que o céu ficou esbranquiçado, como se o sol tivesse explodido e sua luz se dissipado no ar, o que fez com que os campos permanecessem sem respirar e a poeira da estrada ficar sem brilho. Isso fez com que as mulheres que trabalham no campo ficassem fatigadas e demorassem mais para executar seu trabalho. Elas estavam longe dos campos quando chegamos. Porém, Excelente permaneceram sozinhas próximas da cerca viva, esperando. Paramos quando vimos que seus olhos, duros e desdenhosos em relação ao mundo, estavam nos observando como se esperassem para obedecer quaisquer palavras que pudéssemos dizer.

E dissemos:

“Demos um nome a você em nossos pensamentos, Liberdade 5-3000”.

“Qual é nosso nome?”, perguntaram.

“Excelente”.

“Tampouco chamamos vocês de Igualdade 7-2521, quando pensamos em vocês”.

“Que nome vocês nos deram?”

Olharam diretamente nos nossos olhos, mantiveram a cabeça erguida e responderam:

“O Inconquistado”.

Por um longo tempo não pudemos falar. Então dissemos:

“Tais pensamentos são proibidos, Excelente”.

“Mas vocês também têm tais pensamentos e desejam que os pensemos”.

Olhamos em seus olhos e não podíamos mentir.

“Sim”, sussurramos, e sorriram. Depois dissemos: “Nossas queridas, mais queridas de todas, não nos obedçam”.

Deram passos para trás e seus olhos mostravam sabedoria e firmeza.

“Diga estas palavras novamente”, suplicaram.

“Quais palavras?”, perguntamos. Mas não responderam, e sabíamos quais.

“Nossas queridas”, sussurramos.

Os homens nunca disseram isto para mulheres.

A cabeça de Excelente curvou-se vagorosamente, e permaneceram diante de nós, com os braços lado a lado, as palmas de suas mãos viraram-se para nós, como se seu corpo tivesse sido entregue à submissão de nossos olhos.

Então ergueram a cabeça e falaram de maneira direta e gentil, como se desejassem que esquecêssemos sua ansiedade.

“O dia está quente”, disseram, “e vocês trabalharam por muitas horas, devem estar cansados”.

“Não”, respondemos.

“Está mais fresco nos campos”, disseram, “e temos água para beber. Estão com sede?”.

“Sim”, dissemos, “mas não podemos cruzar a cerca viva”.

“Traremos a água até vocês”, disseram.

Então ajoelharam até o fosso, pegaram a água com suas mãos, ergueram-nas e verteram a água em nossa boca.

Não sabemos se bebemos aquela água. Apenas soubemos, de repente, que suas mãos estavam vazias, mas ainda seguramos

suas mãos próximas de nossos lábios e elas também sabiam, porém não se moveram.

Erguemos nossa cabeça e demos alguns passos para trás. Não sabemos o que nos levou a fazer isso e temíamos compreender o porquê.

Então Excelente também se moveram para trás e olharam para suas mãos, admirando-se. No momento seguinte foram embora, mesmo que mais ninguém estivesse indo, e continuavam movendo-se na direção contrária à nossa, como se não pudessem se virar para nós, seus braços flexionados diante delas como se não pudessem baixar as mãos.

NÓS FIZEMOS. NÓS CRIAMOS. Nós trouxemos à existência desde a escuridão das eras. Nós sozinhos. Nossas mãos. Nossa mente. Nós sozinhos e apenas nós.

Não sabemos o que estamos dizendo. Nossa cabeça está cambaleante. Olhamos por sobre a luz que criamos. Devemos ser perdoamos por tudo que dissemos nessa noite...

Na noite de hoje, após mais dias e tribulações do que podemos contar, terminamos por construir algo estranho, algo remanescente dos Tempos Não-mencionáveis: uma caixa de vidro, desenhada para dar vida ao poder oriundo do céu, algo com mais força do que jamais poderíamos imaginar. Quando colocamos nossos fios nessa caixa, quando fechamos a corrente, o fio brilha! Veio à vida, se tornou vermelho e um círculo de luz contínuo apareceu na pedra diante de nós.

Permanecemos ali, e seguramos nossa cabeça com as mãos. Não podíamos conceber bem o que criamos. Não tocamos em nenhum fósforo, não acendemos nenhum fogo. Ainda assim havia luz, luz que veio de lugar nenhum, luz do coração do metal.

Apagamos a vela. A escuridão nos engoliu. Não havia mais nada ao nosso redor, nada exceto a noite e um filete em chamas, como uma fresta na parede de uma prisão. Esticamos nossas mãos até o fio e vimos nossos dedos no brilho vermelho. Não podíamos ver nosso corpo e tampouco senti-lo. Naquele momento mais nada existia exceto nossas duas mãos por sobre um fio brilhante dentro de um abismo escuro.

Depois disso pensamos no significado do que se passa diante de nós. Podemos iluminar nosso túnel, também a Cidade e todas as Cidades do mundo com nada mais exceto metal e fios. Podemos

dar a nossos irmãos uma nova luz, mais clara e mais brilhante que qualquer outra que conheçam.

NÃO ESCRREVEMOS POR TRINTA DIAS. Por trinta dias não viemos ao nosso túnel. Fomos pegos.

Aconteceu na noite em que escrevemos pela última vez. Naquela noite esquecemos de observar a areia que escorre pelo vidro, que nos avisa quando três horas se passam e então é hora de retornar para o Teatro Municipal. Quando nos lembramos, a areia já havia caído por completo.

Nos apressamos em direção ao Teatro. Porém, a grande tenda permaneceu cinza e quieta sob o manto do céu. As ruas da Cidade diante de nós estavam escuras e vazias. Se voltássemos e nos escondêssemos no túnel, seríamos encontrados e também encontrariam nossa luz. Então caminhamos para o Lar dos Varredores de Rua.

Quando o Conselho do Lar nos questionaram, olhamos nos rostos dos conselheiros, mas eles não expressavam curiosidade e tampouco raiva ou piedade. Daí o mais velho nos perguntaram: “Onde estiveram?”, e pensamos em nossa ampulheta e nossa luz e esquecemos de tudo. Respondemos:

“Não contaremos a vocês”.

O mais velho não nos questionaram mais. Se viraram para os dois mais jovens e disseram – suas vozes demonstravam enfado:

“Levem nosso irmão Igualdade 7-2521 ao Palácio de Detenção Corretiva. Açoitem-nos até que falem”

Então fomos conduzidos ao Recinto de Pedra, localizado na parte inferior do Palácio de Detenção Corretiva. Tal recinto não possui janelas e é vazio, exceto por um poste de aço. Dois homens estavam ao lado do poste, completamente nus, exceto por aventais e capuzes de couro que cobriam seus rostos. Os que nos trouxeram

se afastaram e nos deixaram perante os dois juízes que ficavam num canto do Recinto. Os juízes eram homens pequenos e magros, além de grisalhos e curvados. Eles fizeram um sinal para os dois homens fortes e encapuzados.

Tiraram nossas roupas, nos forçaram a ficar de joelhos e então amarraram nossas mãos ao poste de ferro.

O primeiro golpe do chicote fez como se nossa espinha fosse quebrada em duas. A segunda chibata interrompeu a dor da primeira e por um segundo não sentimos nada, mas depois a dor nos atingiu na garganta e um forte ardor percorreu nossos pulmões sem ar. Porém, não choramos.

A chicotada soava como um vento uivante. Tentamos contar os golpes, mas perdemos a conta. Sabíamos apenas que as chicotadas atingiam nossas costas. Não sentimos mais nada atingindo nossas costas. Uma grade incandescente apareceu diante de nossos olhos e não pensávamos em mais nada exceto a grade, uma grade, uma grade feita de quadrados vermelhos, depois nos demos conta de que estávamos olhando para os quadrados da grade de ferro na porta e havia também os ladrilhos quadrados, feitos de rocha, nas paredes e também os quadrados que os golpes do chicote formavam em nossas costas, marcando e remarcando nossa carne.

Foi quando vimos um punho diante de nós. Atingiu nosso queixo e vimos um pouco da nossa saliva avermelhada da nossa boca naqueles dedos enrugados. O Juiz perguntou:

“Onde vocês estiveram?”

Porém viramos nossa cabeça, escondemos nosso rosto com as mãos amarradas e cerramos os lábios.

Outra chicotada veio. Imaginamos quem estava a espalhar brasa incandescente pelo chão, pois vimos gotículas vermelhas cintilando pelas paredes ao nosso redor.

Depois disso não nos dávamos conta de mais nada, exceto por duas vozes como que rosnando em tom firme, uma após a outra, sabíamos que conversaram por muitos minutos:

“Onde vocês estiveram, onde vocês estiveram, onde vocês estiveram, onde vocês estiveram?”

Nossos lábios se moveram levemente, mas o som voltou garganta abaixo e só o que foi audível:

“A luz... a luz... a luz...”

Então novamente não tínhamos mais nada em mente.

Abrimos nossos olhos, e estávamos deitados de bruço no chão de uma cela. Vimos duas mãos apoiadas no chão, distantes de nós; então as demovemos. Eram nossas mãos. Mas não podíamos mover nosso corpo. Depois sorrimos, pensamos na luz e nos lembramos de que não a havíamos traído.

Permanecemos na cela por muitos dias. A porta se abria duas vezes ao dia, uma para os homens que nos traziam pão e água e outra para os Juízes. Muitos Juízes vieram à nossa cela, do mais humilde ao mais honorável dos Juízes Municipais. Postavam-se diante de nós com suas togas brancas e perguntavam:

“Estão prontos para falar?”

Mas balançávamos a cabeça negativamente diante deles. E eles partiam.

Contávamos cada dia e cada noite que passava. Então, hoje, sabíamos que deveríamos fugir. Amanhã o Conselho Mundial de Eruditos se encontrarão em nossa Cidade.

Era fácil fugir do Palácio de Detenção Corretiva. As trancas nas portas são velhas e não existem guardas. Não há motivo para ter guardas, pois os homens nunca desafiavam os Conselhos a ponto de ser necessário fugir de qualquer lugar que fossem ordenados para estar. Nosso corpo está saudável e a força retornava rápido.

Batemos contra a porta e ela abriu passagem. Vagamos pelos espaços e ruas escuras até chegarmos em nosso túnel.

Acendemos a vela e vimos que nosso espaço não havia sido encontrado e nada havia sido tocado. Nossa caixa de vidro estava diante de nós, em cima do forno, como havíamos deixado. O que os ocupa agora são as cicatrizes em nossas costas.

Amanhã, sob a luz plena do dia, pegaremos nossa caixa, deixaremos o túnel aberto e andaremos pelas ruas até o Lar dos Eruditos. Colocaremos diante deles a maior dádiva já oferecida ao homem. Contaremos a verdade. Entregaremos, como forma de confissão, as páginas que escrevemos. Daremos as mãos e trabalharemos juntos, com o poder do céu para a glória da humanidade. Nossas bênçãos sobre vocês, irmãos! Amanhã vocês nos levarão de volta para o seu rebanho e não seremos mais párias. Amanhã seremos um de vocês novamente. Amanhã...

VII

ESTÁ ESCURO NA FLORESTA. As folhas negras farfalham em nossa cabeça, refletindo o último brilho do céu. O musgo está macio e vívido. Dormiremos neste musgo por muitos dias, até que as feras da floresta venham e rasguem nosso corpo. Não temos cama alguma neste momento, exceto pelo musgo. Nenhum futuro, exceto as feras.

Somos velhos agora, ainda que fôssemos jovens esta manhã quando carregamos nossa caixa de vidro pelas ruas da Cidade até o Lar dos Eruditos. Nenhum homem nos impediu. Não havia nenhum do Palácio de Detenção Corretiva e os demais nada sabiam. Ninguém nos impediu no portão. Caminhamos por entre passagens vazias e pelo grande salão onde o Conselho Mundial de Eruditos se encontravam numa cerimônia solene.

Não vimos nada quando entramos, exceto o céu por através das janelas, azul e brilhante. Então vimos os Eruditos, que se sentavam ao redor de uma longa mesa; eram como nuvens amontoadas sem forma num céu resplandecente. Havia homens famosos cujos nomes sabíamos e outros de terras distantes de quem nunca ouvíamos falar. Vimos um grande quadro na parede, acima de suas cabeças, representando os vinte homens ilustres que inventaram a vela.

Todas as cabeças do conselho se viraram para nós conforme entrávamos. Os mais sábios e grandiosos da terra não sabiam o que pensar de nós, nos olharam com surpresa e curiosidade, como se fôssemos um milagre. É verdade que nossa túnica estava rasgada e manchada com marcas marrons que eram de sangue. Erguemos o braço direito e dissemos:

“Nossos cumprimentos, honoráveis irmãos do Conselho Mundial de Eruditos!”.

Coletivo 0-0009, o mais velho e sábio membro do Conselho, perguntaram

“Quem são vocês, caros irmãos? Vocês não parecem um Erudito”.

“Nosso nome é Igualdade 7-2521”, respondemos, “e somos um dos Varredores de Rua dessa cidade”.

Então foi como se uma tempestade passasse pelo salão, pois todos os Eruditos começaram a falar de uma só vez, e estavam com raiva e assustados.

“Um Varredor de Rua! Um Varredor de Rua andando pelo Conselho Mundial de Eruditos! É inacreditável! É contra todas as leis e regras!”.

Porém sabíamos como pará-los.

“Irmãos”, dissemos “Nós não importamos, tampouco nossa transgressão. É apenas nossa irmandade que importa. Não se preocupem conosco, somos irrelevantes, mas ouçam nossas palavras, pois trazemos a vocês nossas palavras, trazemos a vocês uma dádiva nunca antes trazida ao homem. Ouçam-nos, pois trazemos o futuro da humanidade em nossas mãos”.

Colocamos nossa caixa de vidro sobre a mesa diante deles. Falamos dela e sobre nossa longa jornada, nosso túnel e nossa fuga do Palácio de Detenção Corretiva. Nenhuma mão se moveu enquanto falávamos, nem o mais leve movimento. Então colocamos os fios na caixa, todos se curvaram e se ajeitaram nas cadeiras, observando. Nos mantivemos firmes, com os olhos para os fios. Lentamente, como um fluxo sanguíneo, uma faísca vermelha chamuscou pelo fio. Depois disso, o fio brilhou.

Contudo, o que acometeu os homens do Conselho foi o terror. Pularam, correram da mesa e encostaram na parede, amontoados como que buscando conforto um no outro para estimular coragem.

Olhamos para eles, rimos e então dissemos:

“Não temam, meus irmãos. Há um grande poder nesses fios, mas este poder é controlável. É de vocês. Damos ele a vocês”.

Ainda assim não se moveram.

“Damos a vocês o poder dos céus!”, gritamos. “Damos a vocês a chave para a terra! Peguem-no e deixem-nos ser um de vocês, o mais humilde entre vocês. Deixem-nos trabalhar todos juntos e aproveitar esse poder, aliviar a labuta humana. Deixem-nos jogar fora nossas velas e tochas. Inundar nossas cidades com luz. Deixem-nos trazer a luz ao homem!”

Mas eles olharam para nós e, de chofre, ficamos assustados. Seus olhos ainda eram firmes, porém pequenos e malévolos.

“Irmãos”, gritamos, “não têm nada a nos dizer?”.

Então Coletivo 0-0009 deram um passo adiante. Se dirigiram à mesa e os outros os seguiram.

“Sim”, disseram Coletivo 0-0009, “temos muito a dizer a vocês”.

O som de sua voz trouxe silêncio ao salão. Nosso coração como que parou de bater.

“Sim”, disseram Coletivo 0-0009, “temos muito a dizer a uns desgraçados que violaram todas as leis e se vangloriam da própria infâmia! Como ousaram pensar que sua mente detém tanto conhecimento, mais que as dos nossos irmãos? Se os Conselheiros decretaram que vocês deviam ser um Varredor de Rua, como ousaram pensar que poderiam ser de maior utilidade para o homem deixando de varrer ruas?”

“Como ousaram, seus limpadores de sarjeta”, disse Fraternidade 9-3452, “se considerar um indivíduo que possui pensamentos únicos e não de muitos?”.

“Serão queimados numa fogueira”, disseram Democracia 4-6998.

“Não, devem ser chicoteados”, disseram Unanimidade 7-3304, “até que não haja mais nada para chicotear”.

“Não”, asseveraram Coletivo 0-0009, “não podemos decidir sobre isso, irmãos. Tal crime nunca foi cometido, não cabe a nós julgar. Nem cabe a qualquer Conselho menor. Devemos entregar essa criatura ao Conselho Mundial e deixar que ajam”.

Olhamos para eles e imploramos:

“Irmãos! Vocês estão certos. Que a vontade do Conselho seja feita sob o nosso corpo. Não nos importamos. Mas e a luz? O que farão com a luz?”

Coletivo 0-0009 olharam para nós e sorriram.

“Então vocês pensam que descobriram um novo poder”, perguntaram Coletivo 0-0009. “Todos os seus irmãos pensam isso?”.

“Não”, respondemos.

“Aquilo que não é compreendido por todos os homens não pode ser verdade”, disseram Coletivo 0-0009.

“Trabalharam nisso sozinhos?”, perguntaram Internacional 1-5537.

“Sim”, respondemos.

“O que não é feito coletivamente não pode ser bom”, justificaram Internacional 1-5537.

“Muitos homens do Lar dos Eruditos tiveram idéias novas e estranhas no passado”, observaram Solidariedade 8-1164, “mas quando a maioria de seus irmãos Eruditos votou contra elas, abandonaram tais idéias, como devem fazer todos os homens”.

“Esta caixa é inútil”, afirmaram Aliança 6-7349.

“Ela deve ser o que ele afirma que é”, disseram Harmonia 9-2642, “o que traria o Departamento de Velas à ruína. A vela é uma benção para a humanidade, aprovada por todos os homens. Portanto, não pode ser destruída pela vontade de um”.

“Isso destruiria os planos do Conselho Mundial”, consideraram Unanimidade 2-9913, “e sem os planos do Conselho Mundial o sol não pode nascer. Levou cinqüenta anos para assegurar a aprovação de todos os Conselhos para a vela, para decidir quantas seriam necessárias e para reformular os planos necessários para a substituição das tochas por velas. Tal tarefa envolveu o trabalho de milhares e milhares de homens em várias divisões de Estado. Não podemos alterar os planos tão cedo”.

“Se isto aliviaria a labuta humana”, ponderaram Similaridade 5-0306, “então se trata de um grande mal, pois o homem não tem outra razão para existir senão labutar por outros homens”.

Coletivo 0-0009 se levantaram e apontaram para nossa caixa:

“Esta coisa deve ser destruída”.

Todos os demais gritaram em uníssono:

“Deve ser destruída!”

Foi quando pulamos sobre a mesa.

Agarramos nossa caixa, empurramos os Eruditos e corremos em direção à janela. Nos viramos e olhamos para eles pela última vez. Uma fúria nos acometeu, e este parecia um sentimento impróprio para humanos.

“Seus imbecis!”, gritamos. “Seus imbecis, três vezes imbecis e malditos!”

Enrolamos nosso pulso nas cortinas e escorregamos para fora nos segurando numa estrutura de vidro anelada.

Caímos, porém em nenhum momento deixamos a caixa escapar de nossas mãos. Então corremos. Corremos desesperadamente, casas e homens passavam por nós numa torrente sem forma. E a estrada diante de nós não parecia plana, mas como que saltando em nosso encontro esperando que a terra levantasse e atingisse nosso rosto. Corremos mais. Não sabíamos

onde estávamos indo. Sabíamos apenas que deveríamos correr, correr até o fim do mundo, até o fim dos nossos dias.

De repente nos demos conta de que estávamos sobre um solo macio e que havíamos parado. Árvores mais altas do que jamais havíamos visto estavam diante de nós em um profundo silêncio. Foi quando nos demos conta. Estávamos na Floresta Desconhecida. Não pretendíamos vir aqui, mas nossas pernas se responsabilizaram por nossa sabedoria e nos trouxeram para a Floresta Desconhecida contra nossa vontade.

Nossa caixa de vidro estava ao nosso lado. Fomos até ela, recaímos sobre ela, nossos braços envolviam nossa cabeça e assim permanecemos.

Permanecemos assim por um longo tempo. Depois disso nos levantamos, pegamos a caixa e fomos em direção ao interior da floresta.

Não importava para onde iríamos. Sabíamos que nenhum homem nos seguiria, pois nunca entravam na Floresta Desconhecida. Não tínhamos porque temê-los. A Floresta dispunha de suas próprias vítimas. Isso também não nos causou medo. Apenas desejamos estar muito longe da Cidade e do ar que a recobre. Por isso prosseguimos andando, com a caixa em nossos braços e o coração vazio.

Estamos condenados. Quantos sejam os dias que nos restam, devemos aproveitá-los sozinhos. Ouvimos falar da corrupção encontrada na solidão. Nos separamos da verdade sobre nossos irmãos e não há caminho de volta e nenhuma salvação.

Sabemos disso, mas não nos importamos. Não nos importamos com nada. Estamos cansados.

Apenas a caixa em nossas mãos, que nos parece um coração pulsante, nos dá forças. Mentimos para nós mesmos. Não construímos esta caixa para o bem de nossos irmãos. Nós a construímos pelo seu próprio. Ela está acima de nossos irmãos e sua verdade acima da verdade deles. Por que havemos de nos

preocupar com isso? Não temos muitos dias para viver. Perambulamos rumo às presas que nos aguardam por entre as grandes e silenciosas árvores. Não há nada de que sintamos falta.

Em seguida, um golpe dolorido nos atingiu: nossa primeira e única. Pensamos em Excelente. Pensamos em Excelente, a quem nunca mais veríamos. Então a dor passou. Somos um dos Malditos. É melhor que Excelente esqueçam nosso nome e o corpo que carrega este nome.

NOSSO PRIMEIRO DIA NA FLORESTA FOI ADMIRÁVEL.

Acordamos quando um raio de sol cruzou tocou rosto. Quisemos levantar rapidamente, como levantamos por todas as manhãs de nossa vida, mas rapidamente nos lembramos de que nenhuma campainha havia soado e não havia nenhuma campainha para soar. Permanecemos deitados, abrimos nossos braços de forma displicente e olhamos para o céu. As folhas acima de nós eram onduladas, tinham as bordas prateadas e tremiam como um rio esverdeado e flamejante fluindo diante de nós.

Não pretendíamos nos mexer. Pensamos que poderíamos ficar daquele jeito o quanto quiséssemos e rimos alto por esse pensamento. Também podíamos nos levantar, correr, saltar e deitar novamente. Concluímos que tais pensamentos não faziam sentido, mas antes de chegarmos a essa conclusão nosso corpo se levantou num único salto. Nossos braços se esticaram por vontade própria, nosso corpo girou e girou, até que fez um pouco de vento, o suficiente para causar um ruído entre as folhas dos arbustos. Então nossas mãos agarraram o galho de uma árvore e o curvamos ao máximo, sem propósito algum exceto o prazer em conhecer a força do nosso corpo. O galho estalou sobre nós e caímos por cima do musgo macio como uma almofada. Nosso corpo, perdendo os sentidos, rolou várias vezes pelo musgo, fazendo grudar folhas secas em nossa túnica, cabelo e rosto. De repente nos demos conta de que estávamos rindo, gargalhando, como se não tivéssemos nenhuma outra capacidade senão rir.

Depois disso pegamos nossa caixa de vidro e caminhamos floresta adentro. Prosseguimos por entre os galhos, e era como se nadássemos num mar de folhas, com os arbustos sendo as ondas que sobem, descem e sobem ao nosso redor, pulverizando uma atmosfera verde que vai até o topo das árvores. Prosseguimos sem

pensar, sem nos importar com nada exceto a canção tocada por nosso corpo.

Paramos quando sentimos fome. Vimos pássaros nos galhos das árvores e por onde acabamos de passar. Pegamos uma pedra e atiramos num pássaro como se ela fosse uma flecha. Ele caiu na nossa frente. Fizemos uma fogueira, cozinhamos o pássaro e o comemos, e nenhuma outra carne foi tão saborosa para nós. Nos demos conta de que é uma grande satisfação estar entre perto da comida de que precisamos e poder obtê-la com nossas próprias mãos e esforços. Desejamos estar com fome novamente. Queremos desfrutar mais uma e tantas vezes desta estranha e nova satisfação ao comer.

Andamos mais. Chegamos a um riacho que jazia entre as árvores como uma risca de vidro. Era tão calmo que não vimos água, mas apenas um sulco na terra, no qual as árvores cresciam e se erguiam desde aquele rebaixamento. O céu aparecia ao fundo. Nos ajoelhamos no rio e abaixamos para beber. Foi quando paramos. Com o céu azul acima de nós, vimos nosso próprio rosto pela primeira vez.

Sentamos e seguramos o fôlego. Nosso corpo e rosto eram bonitos. Nosso rosto não era como o de nossos irmãos, não sentíamos pena quando olhamos para ele. Nosso corpo não era como o de nossos irmãos, nossos membros eram vigorosos e magros, firmes e fortes. Pensamos que podíamos confiar nesse ser que olhamos no riacho e que não tínhamos por que temer.

Andamos até o pôr-do-sol. Quando as sombras se juntaram por entre as árvores, paramos numa concavidade entre as raízes, onde dormiríamos durante a noite. De repente nos demos conta pela primeira vez neste dia que éramos um dos Amaldiçoados. Lembramo-nos disso e rimos.

Escrevemos isso no papel que carregávamos escondidos em nossa túnica junto com as páginas já escritas que levamos ao Conselho Mundial de Eruditos, mas que não demos a eles. Temos

muito o que falar para nós mesmos e esperamos encontrar as palavras para expressar isso nos dias que vêm pela frente. Por agora não podemos falar, pois não podemos compreender.

IX

NÃO ESCRREVEMOS POR MUITOS DIAS. Não tivemos vontade de dizer nada. Não precisávamos de palavras para lembrar o que aconteceu conosco.

No nosso segundo dia na floresta ouvimos passos atrás de nós. Nos escondemos nos arbustos e aguardamos. Os passos se aproximaram. Então vimos dobras de uma túnica branca por entre as árvores e um brilho dourado.

Saltamos para trás, depois corremos até lá e vimos Excelente.

Nos viram. Suas mãos estavam em punhos e seus punhos puxaram seus braços para baixo, como se desejassem que seus braços a segurassem, ao passo que seu corpo titubeava. Não podiam falar.

Não ousamos nos aproximar demais. Perguntamos com a voz trêmula:

“Como vieram parar aqui, Excelente?”

No que apenas sussurraram:

“Encontramos vocês...”

“Como chegaram até a floresta?”, perguntamos.

Ergueram a cabeça e com a voz demonstrando grande orgulho, responderam:

“Seguimos vocês.”

Nisso não pudemos falar, e disseram:

“Ouvimos falar que vocês tinham ido para a Floresta Proibida – toda a Cidade fala disso. Na noite em que ouvimos isso fugimos do Lar dos Camponeses. Encontramos as marcas dos seus pés no terreno onde nenhum outro homem pisou. Então seguimos seus

passos, adentramos a floresta e seguimos o caminho onde os galhos foram quebrados por vocês.

Sua túnica branca estava rasgada e os galhos haviam cortado a pele de seus braços, mas elas falavam como se não tivessem se dado conta disso, tampouco de estarem cansadas ou com medo.

“Seguimos vocês”, repetiram, “e os seguiremos onde quer que vão. Se o perigo ameaçar, enfrentaremos também. Caso seja a morte, morreremos com vocês. Vocês estão condenados e desejamos fazer parte da sua condenação”.

Olharam para nós. Sua voz era baixa, mas havia mordacidade e triunfo nela: “Seus olhos são como uma chama, mas nossos irmãos não têm nem esperança e tampouco fogo. Sua boca é um pedaço de granito, as dos nossos irmãos são moles e apequenadas. Sua cabeça é altiva, a dos nossos irmãos é servil. Vocês caminham, nossos irmãos rastejam. Desejamos estar condenadas com vocês em vez de abençoadas com nossos irmãos. Façam o que quiserem conosco, mas não nos mandem para longe”.

Então se ajoelharam e curvaram a cabeça diante de nós.

Nunca sequer pensamos sobre o que estávamos por fazer. Tentamos erguer Excelente, mas quando as tocamos foi como se fôssemos tomados por uma loucura. Nos juntamos ao seu corpo e pressionamos nossos lábios contra os delas. Excelente respiraram uma vez e seu suspiro foi como um gemido, então seus braços estavam envoltos em nós.

Ficamos juntos por um longo tempo. Nos assustamos ao perceber que vivemos vinte e um anos e nunca soubemos que tal alegria era possível ao homem.

Dissemos:

“Nossa querida. Não temam nada na floresta. Não há perigo algum na solidão. Não precisamos de nossos irmãos. Esqueçamos o bem deles e nosso mal, esqueçamos todas as coisas exceto que estamos juntos e que a alegria nos conecta. Nos dêem sua mão.

Olhem à frente. É nosso mundo, Excelente, um mundo estranho e desconhecido, mas nosso mundo”.

Depois disso andamos floresta adentro, de mãos dadas.

Naquela noite percebemos que ter o corpo de uma mulher em nossos braços não é feio ou vergonhoso, mas um prazer garantido à raça humana.

Caminhamos por muitos dias. A floresta não tem fim e não buscamos um fim. Cada dia acrescido à cadeia de dias entre a cidade e nós é como uma benção extra.

Fizemos um arco e muitas flechas. Podemos matar mais pássaros do que precisamos para comer; podemos encontrar água e frutas na floresta. Pela noite escolhemos uma clareira e construímos um círculo de fogo ao seu redor. Dormimos no centro desse círculo, pois assim as feras da floresta não podem nos atacar. Podemos ver seus olhos, verdes ou amarelos como chamas, nos observando por entre os galhos das árvores próximas. O fogo arde lentamente, como uma coroa de joias ao nosso redor, e a fumaça permanece pelo ar como que em colunas com aparência azulada graças ao luar. Dormimos juntos no centro desse círculo, os braços de Excelente se envolvem em nosso corpo e sua cabeça descansa em nosso peito.

Algum dia devemos parar e construir uma casa, assim que tivermos longe o suficiente. Contudo, não temos pressa. Os dias diante de nós não têm fim, tal como a floresta.

Não compreendemos essa nova vida que levamos – parece tão clara e simples. Quando questões nos desafiam, andamos mais rápido e esquecemos de tudo conforme observamos Excelente nos seguirem. A sombra das folhas recai sobre seus ombros enquanto afasta os galhos, mas seus ombros são iluminados pelo sol. A pele de seus braços é como uma bruma azulada, mas seus ombros são alvos e brilhantes como se a luz não viesse de cima, mas se elevasse desde sua pele. Observamos a folha que recai sobre seu ombro, parada na curva entre ombro e pescoço, e também uma

gota de orvalho escorrendo dele como um diamante. Se aproximaram de nós, pararam, riram, sabendo o que pensávamos, esperaram obedientemente, sem questionar, até que decidimos virar e seguir em frente.

Prosseguimos e abençoamos a terra na qual pisamos. Porém nos fizemos novas questões, enquanto caminhávamos em silêncio. Se isso que encontramos é a corrupção da solidão, o que mais o homem pode desejar senão a corrupção? Se este é o grande mal de estar sozinho, então o que é o bem e o mal?

Tudo que é oriundo de muitos é bom. Tudo que é oriundo de um só é mau. Assim fomos ensinados desde nosso primeiro suspiro. Violamos a lei, mas nunca duvidamos dela. Porém agora, enquanto andamos pela floresta, aprendemos a duvidar.

Não há vida útil para o homem exceto aquela em que sua labuta é útil para seus irmãos. Porém quando labutávamos para nossos irmãos não vivíamos, apenas nos sentíamos esgotados. Não existe qualquer alegria para o homem senão aquela que é compartilhada por todos. Mas as únicas coisas que nos deram alegria foi o poder que criamos com nossos fios e o amor de Excelente. Ambas essas alegrias pertencem exclusivamente a nós, se originam em nós, não guardam qualquer relação com nossos irmãos e elas não dizem nenhum respeito a eles de qualquer forma imaginável. Assim nos surpreendemos.

Há um erro, um erro assustador no raciocínio humano. Que erro é esse? Não sabemos, mas o conhecimento está em conflito dentro de nós, luta para sair.

Hoje, Excelente pararam de repente e disseram:

“Amamos vocês”.

Depois disso, franziram as sobrancelhas, balançaram a cabeça e olharam para nós vulneravelmente:

“Não”, sussurraram, “não é isso que pretendíamos dizer”.

Fizeram silêncio, depois falaram lentamente, e suas palavras eram hesitantes como a fala de uma criança que aprende a falar pela primeira vez:

“Nós sozinhas... sozinhas... apenas nós... amamos unicamente vocês... sozinhos... e apenas vocês”.

Olhamos nos olhos um do outro e soubemos que o sopro de um milagre havia nos tocado e depois partido, nos deixando à procura dele em vão.

Nos sentimos despedaçados, despedaçados por alguma palavra que não conseguimos dizer.

ESTAMOS SENTADOS EM UMA MESA e estamos escrevendo isto num papel fabricado há milhares de anos. A luz é turva, não podemos ver Excelente, apenas um cacho dourado num travesseiro de uma cama velha. É nossa casa.

Chegamos até ela ontem, ao pôr-do-sol. Por muitos dias andamos e atravessamos uma cadeia de montanhas. A floresta se erguia por entre os penhascos e por qualquer lugar que andássemos; por qualquer trecho desértico que passássemos víamos grandes picos a oeste, bem como ao norte e ao sul, até onde nossos olhos alcançavam. Os picos eram avermelhados e marrons com estrias verdes de floresta que pareciam veias; havia ainda uma névoa azul que recobria os picos como véus. Nunca tínhamos ouvido falar dessas montanhas, tampouco visto-as em mapas. A Floresta Desconhecida as protegeu das Cidades e dos homens das Cidades.

Escalamos caminhos por onde nem mesmo as cabras selvagens iam. Pedras rolavam por debaixo de nossos pés e as ouvíamos se chocando com as pedras mais abaixo, colidindo com outras pedras, as montanhas ecoavam o barulho de cada choque e muito depois de os choques terem terminado. Ainda assim prosseguimos, pois sabíamos que nenhum homem seguiria nosso caminho, tampouco nos encontraria onde estávamos.

Hoje, com o nascer do sol, vimos uma chama branca entre as árvores, no singelo pico de uma montanha à nossa frente. Pensamos que fosse fogo, então não fomos verificar. Porém a chama não se movia, ainda que ofuscante como metal líquido. Escalamos a montanha em sua direção através das pedras. Então ali, diante de nós, num cume relativamente extenso, com uma montanha crescente de pano de fundo, havia uma casa de um tipo

que nunca havíamos visto, a chama branca vinha do sol que refletia pelos vidros da janela.

A casa tinha dois andares e algumas telhas planas como piso. Havia mais janelas do que paredes e as janelas seguiam até bem próximo aos cantos das paredes – como a casa se manteve assim não sabemos. As paredes eram duras e lisas, feitas daquele tipo de rocha que vimos em nosso túnel.

Ambos sabíamos mesmo sem palavras: essa casa remontava aos Tempos Não-Mencionáveis. As árvores a protegeram das intempéries e também de homens que demonstram menos compaixão que o tempo e o clima. Viramos para Excelente e perguntamos:

“Estão com medo?”

Balançaram a cabeça negativamente. Andamos até a porta e a empurramos para abri-la: pisamos juntos na casa dos Tempos Não-mencionáveis.

Precisaremos de muitos dias e anos para olhar, aprender e entender as coisas que pertencem a essa casa. Hoje pudemos apenas observar e tentar acreditar no que nossos olhos viam. Abrimos as cortinas pesadas que cobriam as janelas e notamos que os quartos eram pequenos, e supusemos que no máximo doze homens poderiam ter vivido ali. Achamos estranho que fosse permitido aos homens construir uma casa para apenas doze pessoas.

Nunca vimos quartos tão bem iluminados. Os raios de luz solar, numa vertiginosa dança, formavam mais cores do que imaginávamos ser possível existir, nós que jamais havíamos visto casas exceto as brancas, as marrons e as cinzas. Havia grandes pedaços de vidro nas paredes, mas não era vidro –quando olhamos através deles vimos nossos corpos e todas as coisas atrás de nós, como que à beira de um lago. Havia coisas estranhas que nunca tínhamos visto e cujo uso não conhecíamos. Existiam também

alguns globos de vidro com uma rede de fios metálicos em seu interior, tais como os que vimos em nosso túnel.

Encontramos o quarto de dormir e ficamos admirados desde que pusemos o pé na soleira. Era um ambiente pequeno e havia apenas duas camas nele. Não encontramos outras camas na casa e então soubemos que apenas duas pessoas viveram ali, o que nos fez entender. Em que tipo de mundo viviam os homens dos Tempos Não-Mencionáveis?

Encontramos peças de vestuário e Excelente engasgaram ao vê-las. Não eram túnicas brancas, tampouco togas brancas, eram de todas as cores e nem mesmo duas delas se pareciam. Algumas se desfizeram em pó ao tocarmos, outras eram feitas de tecido mais forte e pareceram macias e novas aos nossos dedos.

Também encontramos um quarto com paredes cheias de prateleiras que abrigavam carreiras de manuscritos, do chão até o teto. Nunca vimos um número tão grande deles, tampouco com esta forma. Não eram macios e não estavam enrolados, tinham capas duras feitas de pano e couro; as letras nas páginas eram tão pequenas e tão precisas que imaginamos como um homem poderia ter tal letra. Demos uma olhada em algumas páginas e vimos que eram escritos em nossa língua, mas encontramos muitas palavras que não podíamos entender. Amanhã começaremos a ler estes manuscritos.

Depois que visitamos todos os quartos da casa, olhamos para Excelente e sabíamos exatamente o que pensávamos.

“Nunca devemos deixar essa casa”, dissemos, “não deixaremos que a tomem de nós. Esta é nossa casa e o fim de nossa jornada. Esta é sua casa, Excelente, e nossa – ela não pertence a nenhum outro homem que pertença a essa terra, não importa o quão longe ela alcance. Não a dividiremos com ninguém, da mesma maneira que não dividimos nossa alegria com mais ninguém, tampouco nosso amor ou nosso desejo. E que assim seja até o fim dos dias”.

“Que vossa vontade seja feita”, disseram.

Então saímos para juntar lenha para alimentar o coração de nossa casa. Trouxemos um pouco de água do riacho que corre por entre as árvores logo abaixo das nossas janelas. Matamos uma cabra selvagem e trouxemos sua carne para ser cozida em uma estranha panela de cobre que encontramos num dos ambientes da casa, onde deve ter sido a cozinha.

Fizemos isso sozinhos. Nenhuma de nossas palavras poderia afastar Excelente do grande vidro que não é vidro. Se postaram diante dele e por longo tempo o próprio corpo.

Quando o sol se pôs por entre as montanhas, Excelente adormeceram no chão, em meio às jóias, garrafas de cristal e flores de seda espalhadas. Erguemos Excelente em nossos braços e as levamos até a cama. Sua cabeça repousava suavemente sobre nosso ombro. Acendemos uma vela e trouxemos papel da sala dos manuscritos, e sentamos ao lado da janela pois sabíamos que não poderíamos dormir esta noite.

Olhamos para a terra e para o céu. Este lastro de rochas nuas, picos e luar é como um mundo à beira de nascer, um mundo expectante. Parece que clama por um sinal nosso, uma fagulha, um comando inicial. Não sabemos que mundo estamos prestes a gerar e tampouco que grande façanha esta terra espera presenciar. Apenas sabemos que é por isso que aguarda. Ela parece dizer que há grandes dádivas diante de nós, mas também espera uma dádiva dada por nós. Falaremos. Estamos perto de trazer à tona sua meta, seu significado mais elevado para todo esse espaço brilhante de rocha e céu.

Olhamos à frente e imploramos ao nosso coração por orientação para responder a esse chamado nunca feito antes, ainda que o tenhamos ouvido. Vemos uma poeira secular, uma poeira que esconde grandes segredos e talvez grandes maledicências. Ainda assim ela não causa nenhum medo em nosso coração, apenas misericórdia e uma reverência silenciosa.

Que o conhecimento nos acompanhe! Que segredo é esse que
nosso coração compreendeu e ainda assim não revela a nós,
embora bata de uma maneira como que se esforçando para nos
contar?

EU EXISTO. EU PENSO. EU QUERO.

Minhas mãos... meu espírito... meu céu... minha floresta... A terra é minha...

O que devo dizer além disso? Estas são as palavras. Esta é a resposta.

Estou no topo da montanha. Ergo minha cabeça e estico meus braços. Isto, meu corpo e meu espírito, representa o fim da jornada. Desejei saber o sentido das coisas. Eu sou o sentido. Desejei encontrar uma justificativa para ser. Não preciso de nenhuma justificativa para existir e tampouco nenhuma palavra que sancione minha existência. Eu sou a justificativa e a sanção.

São os meus olhos que vêem e é a minha visão que confere beleza à terra. São meus ouvidos que ouvem e aquilo que ouvem dá sua melodia ao mundo. É a minha mente que pensa e é apenas o julgamento da minha mente que serve de iluminação para encontrar a verdade. É a minha vontade que escolhe e a escolha da minha vontade é o único decreto que devo respeitar.

Muitas palavras me foram concedidas, algumas são sábias e outras são falsas, mas apenas três são sagradas: “EU. QUERO. ISSO!”

Não importa o caminho que eu tome, a estrela que me guia está dentro de mim; a estrela que guia e a bússola que aponta a direção. Ambas apontam para uma única direção. Apontam para mim.

Não sei se este pedaço de terra onde estou é o centro do universo ou um grão de poeira perdido na eternidade. Não sei e não me importo, pois sei que a felicidade é possível a mim na terra. E minha felicidade não precisa de um alvo mais alto que ela para se realizar. A minha felicidade não é meio para nenhum fim. Ela é o fim. É seu próprio objetivo. É seu próprio propósito.

Tampouco eu mesmo sou o meio para qualquer outro fim que se possa realizar. Não sou uma ferramenta para o uso dos outros. Não sou um servo das necessidades de ninguém. Não sou um curativo para suas feridas. Não sou objeto de sacrifício em seus altares.

Eu sou um homem. Este é meu milagre, sou eu quem o possui e quem deve mantê-lo. É minha responsabilidade guardá-lo, usá-lo e ajoelhar-se diante dele.

Não desistirei dos meus tesouros e tampouco os dividirei. A riqueza do meu espírito não existe para ser cunhada em moedas de latão e arremessadas ao vento como esmolas para os pobres de espírito. Eu guardo meus tesouros: meu pensamento, minha vontade, minha liberdade. O maior de todos é a liberdade.

Não devo nada a meus irmãos, tampouco cobrarei débitos deles. Não peço a ninguém que viva por mim, tampouco eu vivo por quaisquer outros. Não cobiço a alma de nenhum homem nem minha alma pertence a eles para ser cobiçada.

Não sou amigo ou inimigo de meus irmãos, mas cada um deles deverá merecer minha amizade ou inimizade. E para conquistar meu amor, meus irmãos devem fazer mais do que simplesmente nascer. Não concedo meu amor sem alguma razão para isso, tampouco a qualquer transeunte que deseje clamá-lo para si. Eu honro os homens com o meu amor. Mas a honra é algo que deve ser conquistado.

Escolherei meus amigos entre os homens, mas não serão escravos ou mestres. Escolherei apenas aqueles que julgar apropriados a mim, os amarei e respeitarei, mas não os comandarei ou mesmo os obedecerei. Juntaremos nossas forças quando desejarmos, mas andaremos sozinhos quando assim quisermos. No templo do seu próprio espírito todo homem é sagrado. É preciso deixar cada homem manter seu próprio templo intocado e imaculado. Então poderá se unir a outros se assim desejar, mas sem ferir o limite daquilo que lhe é sagrado.

Que a palavra “nós” jamais seja dita, exceto por escolha e como segunda opção. Esta palavra nunca deve ocupar o primeiro lugar na alma do homem, pois senão se torna um monstro, a raiz de todo o mal da terra, a raiz da tortura do homem pelo homem e também de uma mentira impronunciável.

A palavra “nós” é como um ácido despejado sobre o homem, algo que se estabelece e petrifica o homem, que esmaga tudo abaixo dela; tudo que é branco ou é preto se torna igualmente cinza sob sua condução. É a palavra com a qual o depravado rouba a virtude do bom, o fraco rouba o poder do forte e os tolos roubam a sabedoria dos sábios.

O que é minha alegria se todas as mãos, até mesmo as sujas, podem alcançar? O que é minha sabedoria se até mesmo os tolos ditam sobre ela? O que é minha liberdade se todas as criaturas, mesmo as impotentes e rotas, são meus mestres? O que é minha vida se sou feito para me curvar, concordar e obedecer?

Estou farto desse culto à corrupção.

Estou farto do monstro do “nós”, a palavra da servidão, da pilhagem, da miséria, da falsidade e da vergonha.

Agora vejo a face de deus e ergo esse deus acima da terra, esse deus que os homens demandaram desde que vieram à existência, esse deus que garantirá alegria, paz e orgulho.

Este deus, esta única palavra:

“EU”.

XII

FOI QUANDO LI PELA PRIMEIRA VEZ um dos livros que encontrei em minha casa que vi a palavra “eu”. Quando compreendi a palavra o livro caiu das minhas mãos e chorei, eu que nunca soube o que eram lágrimas. Chorei em louvor à libertação e compaixão por toda a espécie humana.

Compreendi a condição abençoada daquilo que chamava de “minha maldição”. Compreendi porque o melhor em mim eram meus pecados e minhas transgressões e porque nunca me senti culpado dos meus pecados. Compreendi que centenas de cadeias e chicotadas não podem aniquilar o espírito do homem e muito menos a verdade que reside dentro dele.

Li muitos livros por muitos dias. Chamei Excelente e contei a ela que havia lido e o que tinha aprendido. Ela olhou para mim e as primeiras palavras que disse foram:

“Eu te amo”.

Então eu disse:

“Minha querida, não é adequado aos homens que não tenham nomes. Houve um tempo em que cada homem tinha um nome próprio para que pudesse se distinguir de todos os outros. Escolhamos nossos nomes. Li a respeito de um homem que viveu há milhares de anos e de todos os nomes neste livro é o dele que desejo carregar. Ele tomou a luz dos deuses e a trouxe para os homens, ensinou aos homens como ser deuses. Ele sofreu por seus atos como todos aqueles que carregam a luz devem sofrer. Seu nome era Prometeu”.

“Este será o seu nome”, disse Excelente.

“Também li sobre uma deusa”, eu disse, “que era a mãe da terra e de todos os deuses. Seu nome era Gaia. Que este seja seu

nome, minha querida Excelente, pois você será a mãe de um novo tipo de deuses”.

“Este será o meu nome”, disse Excelente.

Eu olho adiante. Meu futuro está claro diante de mim. O Santo da pira havia visto o futuro quando me escolheu como seu herdeiro, como o herdeiro de todos os santos e todos os mártires que existiram antes dele e que morreram pelo mesmo motivo, pela mesma palavra, não importando o nome que deram à sua causa ou à sua verdade.

Viverei aqui, em minha própria casa. Obterei meus alimentos da terra e a partir do trabalho das minhas próprias mãos. Aprenderei diversos segredos com meus livros. Ao longo dos anos, reconstruirei as conquistas do passado e abrirei caminho para que sejam levadas adiante, é o que farei com as realizações que se encontram abertas a mim, mas fechadas aos meus irmãos, para que suas mentes sejam chacoalhadas, até mesmo as dos mais fracos e estólios.

Aprendi que o meu poder que emana do céu foi conhecido pelos homens há muito tempo; eles o chamavam “eletricidade”. Era o poder que os conduzia a suas melhores invenções. Ele ilumina esta casa com a luz que vem dos globos de vidro nas paredes. Descobri o mecanismo que produz esta luz. Aprenderei a consertá-lo e como fazê-lo funcionar novamente. Aprenderei a manejar os fios que conduzem esse poder. Depois construirei uma barreira de fios ao redor da minha casa e ao redor dos caminhos que levam até minha casa; uma barreira de energia como uma teia de aranha que será mais impenetrável que granito; uma barreira que meus irmãos jamais serão capazes de trespassar. Eles não possuem nada para lutar contra mim, exceto a força bruta de seus números. Eu possuo a minha mente.

Portanto, aqui no topo desta montanha, com o mundo abaixo e nada acima de mim exceto o sol, viverei a minha verdade. Gaia está grávida de um filho meu. Nosso filho será criado como um homem. Será educado a dizer “eu” e a se orgulhar disso. Será educado a

andar altivo e por sua própria conta. Será ensinado a reverenciar o seu próprio espírito.

Quando eu tiver lido todos esses livros e aprendido meu novo caminho, quando meu lar estiver pronto e minha terra lavrada, gastarei um dia, pela última vez, indo à amaldiçoada cidade de meu nascimento. Chamarei por meu amigo sem nome, exceto Internacional 4-8818 e todos como ele: Fraternidade 2-5503, que grita sem razão; Solidariedade 9-6347, que pede por ajuda durante a noite e alguns outros. Convocarei até mim todos os homens e mulheres cujo espírito não foi assassinado e que sofrem sob o jugo de seus irmãos. Eles me seguirão e eu os guiarei até minha fortaleza. E aqui, nesta selva inexplorada, eles e eu, meus amigos escolhidos, meus companheiros, escreveremos o primeiro capítulo da nova história do homem.

São estas as coisas diante de mim. Enquanto estou aqui, diante da porta da glória, olho para trás pela última vez. Olho para a história do homem que aprendi com os livros e fico imaginando. Foi uma história longa e o espírito que a moveu foi o espírito da liberdade humana. O que é liberdade? Liberdade de quê? Não há nada capaz de tirar a liberdade de um homem exceto outro homem. Para ser livre um homem deve ser livre de seus irmãos. Isso é liberdade. Isso e nada mais.

No início o homem foi escravizado pelos deuses. Mas ele rompeu com seus grilhões. Depois foi escravizado pelos reis. Mas ele rompeu com seus grilhões. Foi escravizado pelo seu nascimento, pelos seus parentes, por sua raça. Mas ele rompeu com seus grilhões. Declarou a todos os seus irmãos que o homem possui direitos que nenhum outro homem ou rei pode tirar dele, não importando em quantos estão, pois este é o direito do homem e não existe nenhum outro direito na terra acima deste. E ele viveu no limiar da liberdade pela qual todo o sangue derramado no passado.

Mas então ele desistiu de tudo que conquistou e ficou numa condição inferior àquela das selvas.

O que trouxe isso à tona? Que desastre afastou a razão do homem? Que chicote deixou o homem de joelhos, submisso e envergonhado? A adoração à palavra “nós”.

Quando o homem aceitou essa adoração, a estrutura construída ao longo dos séculos colapsou sobre ele, a estrutura cujo sustentáculo vinha do pensamento de algum homem por todos os dias ao longo das eras, do fundo de algum espírito, espírito que existia, mas que existia ocupado apenas com a sua própria existência. Aqueles homens que sobreviveram – aqueles desejosos de sobreviver, ansiosos em viver um pelo outro, já que não tinham nada pelo que reivindicar da parte deles, tais homens não podiam prosseguir e tampouco preservar o que haviam recebido. Assim, todo o pensamento, toda a ciência e todo o conhecimento pereceram na terra. Foi assim que o homem – homens com mais nada a oferecer que sua representação numérica – perdeu as torres de aço, as “embarcações voadoras”, os fios eletrificados, todas as coisas que eles não criaram e não puderam manter. Talvez, depois, alguns homens tivessem nascido com a coragem e o raciocínio para recuperar essas coisas que foram perdidas; talvez esses homens existiram antes dos Conselhos de Eruditos. Responderam a eles o que responderam a mim – e pelas mesmas razões.

Ainda assim imagino como foi possível naqueles desgraçados anos de transição, há muito tempo, que o homem não se desse conta do caminho que trilhava e acabou por trilhar, de forma cega e covarde, em direção ao seu destino. Imagino como é difícil conceber como o homem que conheceu a palavra “eu” pode desistir dela e não se dar conta do que perdeu. Mas foi o que se passou, vivi na Cidade dos amaldiçoados e conheço o horror que o homem permitiu que recaísse sobre si.

Talvez, naqueles dias, houvesse alguns poucos entre os homens, alguns com a visão clara e a alma pura que se recusaram a se render àquela palavra. A eles deve ter sido uma agonia enorme diante do que viram acontecer e não puderam impedir! Talvez tenham gritado em protesto e em forma de advertência. Mas os

homens não prestaram atenção ao seu aviso. Então estes poucos lutaram uma batalha desesperada e pereceram com suas bandeiras imersas em seu próprio sangue. Escolheram perecer, pois sabiam. A eles envio minha saudação através dos séculos, e também minha comiseração.

É a bandeira deles que carrego em minhas mãos. Desejo possuir o poder para contar a eles que o desespero de seus corações não precisava ter sido definitivo, sua noite não precisava ser desesperada. A batalha que perderam não pode ser perdida. Aquilo que eles morreram para salvar não pode perecer. Em meio a escuridão, em meio a toda a vergonha que o homem pode ter, o espírito humano permanecerá vivo nessa terra. Ele pode dormir, mas acordará. Ele pode vestir correntes, mas se libertará. E o homem prosseguirá. *O homem* – não os homens.

Aqui, nesta montanha – meus filhos e eu, os amigos que escolhi – construiremos uma nova terra e nosso Forte. Ele será como o coração da terra, primeiro perdido e escondido, mas batendo, batendo mais alto a cada dia. Cada palavra dele ressoará em cada canto da terra. Os caminhos da terra serão como veias que carregarão o que há de melhor no sangue do mundo até a aqui. Todos os meus irmãos e os Conselhos dos meus irmãos ouvirão sobre isso, mas serão impotentes contra mim. Chegará o dia em que eu romperei com todos os grilhões da terra e farei desaparecer as cidades daqueles que estão escravizados. Minha casa se tornará a capital do mundo, onde todos os homens serão livres para existir para si próprios.

Para que esse dia chegue eu lutarei e também meus filhos e amigos escolhidos. Pela liberdade do Homem. Pelos seus direitos. Pela sua vida. Pela sua honra.

E aqui, à frente dos portões do meu Forte, cunharei na pedra a palavra que constitui minha referência e minha bandeira. A palavra que nunca morrerá, mesmo que morramos em batalha. A palavra que não pode morrer nesta terra, pois ela representa seu coração, sua glória, seu sentido...

A palavra sagrada:

EGO.

SOBRE A OBRA

Cântico, segundo a autora, é “um hino ao ego humano”. É a história da revolta de um indivíduo contra uma sociedade totalitária e coletivista. “Igualdade 7-2521” é um jovem sedento por entender “a Ciência das Coisas”. No entanto, ele vive num futuro distópico, desolado, no qual o pensamento independente é um crime e a ciência e a tecnologia regressaram ao nível mais primário.

Todas as expressões de individualismo foram suprimidas neste mundo de *Cântico*: propriedades privadas não existem mais, preferências individuais são condenadas como pecados e os relacionamentos românticos estão proibidos. A obediência à coletividade está tão profundamente enraizada que até a palavra “eu” foi extinta da linguagem.

Em sua busca pelo conhecimento, “Igualdade 7-2521” luta para solucionar as questões que queimam em seu íntimo – questões que, em última instância, o levam a descobrir o mistério por trás da debacle da sociedade e a encontrar a chave para um futuro de liberdade e progresso.

Cântico antecipa o tema central do primeiro best-seller de Ayn Rand, *The Fountainhead*, que ela resume como “individualismo versus coletivismo, não na política, mas na alma humana”.

SOBRE A AUTORA



Ayn Rand nasceu em São Petersburgo, em 1905, foi educada na Rússia e emigrou para os Estados Unidos em 1926; morreu em Nova Iorque, em 1982. Foi uma autora controversa e bastante influente que, além de *best-seller*, era lida e comentada nas universidades, no congresso americano e até nos programas de rádio e televisão. Seu pensamento vinha à tona numa era em que o coletivismo assola o mundo, tanto na Rússia comunista quanto na Alemanha nazista e na Itália fascista. Rand expunha a nocividade de tal expediente e o classificava não só como um mal moral, mas como a causa mesma dos males políticos que minaram o mundo civilizado. O romance *Cântico* está intimamente ligado a essa problemática e apresenta um futuro negro em que a palavra “eu”, suprimida pelo coletivismo, não mais existiria.

Cântico – Ayn Rand

1ª edição – setembro de 2015 – CEDET

Título original: *Anthem*. Primeira edição: Londres, 1937.

Imagem da capa: *Umbrellas society*, © Konstantin Grebnev

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Ângelo Vicentim, 70

CEP: 13084-060 – Campinas – SP

Telefone: 19-3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:

Diogo Chiuso

Editor-assistente:

Thomaz Perroni

Tradução:

André Assi Barreto

Revisão:

Gustavo Nogy

Capa & Diagramação:

J. Ontivero

Desenvolvimento de eBook

Loope – design e publicações digitais

www.loope.com.br

Conselho Editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Diogo Chiuso

Silvio Grimaldo de Camargo

VIDE Editorial – www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

FICHA CATALOGRÁFICA

Rand, Ayn (1905-1982)

Cântico [recurso eletrônico] / Ayn Rand; tradução de André Assi Barreto – Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

eISBN: 978-85-67394-77-0

1. Ficção: Romance – 1900-1944 I. Autor II. Título.

CDD 813.52

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1.Ficção: Romance (1900-1944) – 813.52
